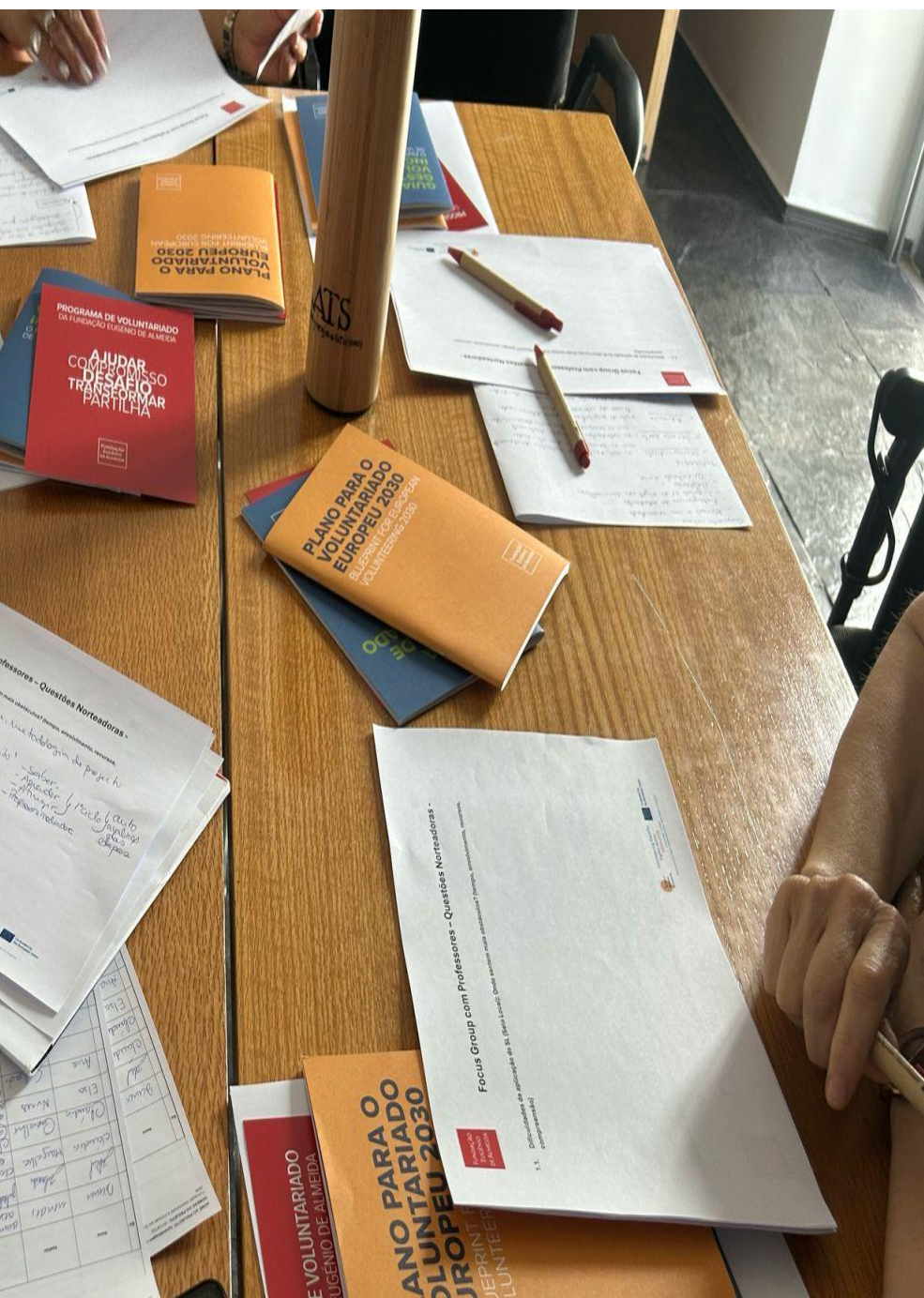


VOLUNTARIADO NO ALENTEJO CENTRAL: RELATÓRIO

VALIDAÇÃO DE COMPETÊNCIAS E SERVICE-LEARNING PARA A PARTICIPAÇÃO ATIVA

VERSÃO 0 | V&E STRAND - OUTPUT A



Índice

1.	Introdução	6
2.	A Aprendizagem – Serviço	7
2.1.	A Aprendizagem - Serviço.....	7
2.2.	Relação entre Voluntariado e Service - Learning	8
2.3.	Respostas por território	10
2.4.	Perfil Demográfico e Pedagógico dos Participantes.....	12
3.	A Experiência e as Práticas de Service-Learning, professores	15
3.1.	Experiência em atividades de Service-Learning	15
3.2.	Análise de Conhecimentos Service-Learning.....	15
3.3.	Validação de Competências.....	16
3.4.	Perspetiva dos Professores sobre a Eficácia das Práticas de Validação na Valorização da Aprendizagem dos Alunos.....	20
3.5.	Conclusões	21
4.	Impacto do Service -Learning e Áreas Temáticas Prioritárias	26
4.1.	Distribuição temática das Áreas Trabalhadas nos Projetos de Service-Learning e Voluntariado.....	26
4.2.	Agrupamento estratégico dos pontos fortes do SL (impacto positivo) ...	27
4.3.	A Visão dos Professores Alinhada com o SL.....	30
4.4.	O SL como Multiplicador de Inclusão e do Voluntariado Inclusivo	31
4.5.	Agrupamento estratégico dos pontos fracos do SL (impacto negativo) .	31
4.6.	Conclusões sobre Áreas de Atuação e Potencial de Transformação (Impacto)	36
5.	Recomendações para promover o Voluntariado Inclusivo através da integração do Service-Learning e da Educação Cívica, com o envolvimento ativo da comunidade docente	38
5.1.	Propostas e sugestões da comunidade docente	38
5.2.	Recomendações para a Valorização dos professores promotores de Service-Learning e de Voluntariado nas escolas	38
5.3.	Recomendações Relacionadas com a Validação e Certificação de Competências do Aluno.....	39
5.4.	Recomendações Relacionadas com a Promoção de Práticas Mais Inclusivas de SL e Voluntariado.....	41

5.5. Recomendações Relacionadas com a Governança e o Papel da Fundação Eugénio de Almeida (FEA)	42
6. Boas Práticas de Service-Learning.....	44
6.1. O que é um boa prática de Service-Learning?	44
6.2. Grelha de Avaliação da Qualidade de Projetos de Aprendizagem-Serviço e Apresentação de Práticas de Service-Learning	46
6.3. Práticas apresentadas pelos professores e avaliação dos projetos de SL	48
6.4. Guia de Orientações para a Implementação do SL, nas Escolas	52
7. Voluntariado em Contexto Escolar: Perceções, Barreiras e Potencialidades, pelos alunos	54
7.1. Caracterização da Amostra	54
7.2. Fatores de motivação para a participação dos alunos	56
7.3. Sentimentos associados e perceção de Impacto pelos alunos	56
7.4. Desenvolvimento de Competências Adquiridas e Ligação ao Contexto Escolar	57
7.5. Integração Curricular e Apoio Docente	58
7.6. Reconhecimento Formal e Sugestões dos Alunos para maior apoio Institucional da Escola ao Voluntariado, por meio do SL e da Cidadania Ativa .	58
7.7. Identificação das Principais barreiras à Participação, dos alunos.....	59
7.8. Perceções sobre Inclusão e Reconhecimento, dos alunos	61
7.9. Síntese das Principais Conclusões	61
8. Recomendações para melhorar as práticas de validação e promover a participação, alunos.....	62
9. Relatório Analítico: Perspetivas das Organizações do Terceiro Sector sobre Service Learning no Alentejo Central	63
9.1. Perfil das Organizações Participantes	63
9.2. Panorama do Envolvimento com o Service Learning e Voluntariado	63
9.3. O Impacto Percebido do Service Learning como Ferramenta de Aprendizagem e Inclusão	64
9.4. Potencial de Inclusão Social	64
9.5. Desafios Identificados, a melhoria da Validação Formal de Competências.....	65

9.6.	Desafios Identificados, Propostas de Valorização dos Técnicos e das Organizações	66
9.7.	Recomendações Estratégicas para um Plano Regional de Service Learning.....	66
9.8.	O Papel da Fundação Eugénio de Almeida (FEA) como Entidade Coordenadora de um Plano Regional de Promoção do Voluntariado Inclusivo, por meio do Service-Learning e da Promoção do Voluntariado	67
9.9.	Conclusão	67
10.	Relatório Analítico: Perspetivas dos Voluntários sobre os Desafios e Oportunidades do Voluntariado com crianças e jovens, a partir das escolas	69
10.1.	Perfil dos Voluntários Inquiridos.....	69
10.2.	Experiência e Envolvimento no Voluntariado	70
10.3.	Valor e Benefícios Percebidos do Voluntariado com crianças e jovens a partir das escolas	70
10.4.	Análise dos Principais Desafios Operacionais e Estruturais	71
10.5.	Necessidades de Apoio, Formação e Reconhecimento	72
10.6.	Rumo a um Voluntariado Mais Acessível e Inclusivo	73
10.7.	Recomendações Estratégicas para Melhorar a Cooperação	74
10.8.	Conclusão.....	75
11.	Resultados dos Focus Group realizados	76
11.1.	Metodologia	76
11.2.	Análise por Stakeholder: Perspetivas, Desafios e Oportunidades	77
11.2.1.	Contributos pelos Municípios e Bancos Locais de Voluntariado (BLV)	77
11.2.2.	Propostas para a ação - Municípios e Bancos Locais de Voluntariado (BLV)	78
11.2.3.	Contributo pelas Associações de Pais	79
11.2.4.	Contributos das Organizações Sociais	79
11.2.5.	Propostas para a ação pelas Organizações Sociais	80
11.2.6.	Contributos para a Ação Associações de Jovens	80
11.2.7.	Propostas para a Associações de Jovens	81
11.3.	Análise Transversal: Desafios Sistémicos e Oportunidades Estratégicas	81
11.3.1.	Principais Desafios Sistémicos:	81
11.4.	Oportunidades Estratégicas Comuns:	82

Bibliografia	85
Referências	87
Gráfico 1 Distribuição por Concelho	10
Gráfico 2 - Distribuição por Género.....	12
Tabela 1 – Resumo estatístico da idade.....	12
Tabela 2 – Distribuição por classes etárias, dados do questionário a professores	12
Tabela 3 – Distribuição do Corpo Docente por Macro Categorias Curriculares (Grandes Áreas de Conhecimento)	13
Tabela 4 – Distribuição por Categorias Analíticas de Intervenção	13
Tabela 5 - Tem experiência em atividades de Service-Learning?	15
Tabela 6 - Desenvolve ou conhece projetos de Service-Learnig na Escola?	15
Tabela 7 - Status dos Professores em Relação ao Service-Learning.....	16
Tabela 8 - Existência de Mecanismos Formais para o Reconhecimento de Competências em Voluntariado	16
Tabela 9 - Mecanismos de Validação	17
Tabela 10 - Perceção de Eficácia dos Mecanismos de Validação.....	20
Tabela 11– Áreas Temáticas Mais Trabalhadas nos Projetos.....	26
Tabela 12 - Eixo I. Protagonismo e Desenvolvimento Integral	27
Tabela 13 - Eixo II. Eficácia Pedagógica e Metodológica (SL).....	28
Tabela 14 - Eixo III. Transformação Comunitária e Inclusão.....	29
Tabela 15-Agrupamento Estratégico dos Pontos Fortes do SL	30
Tabela 16 - Detalhe das Respostas (Pontos Fracos): Matriz de Codificação dos Eixos I, II e III	31
Tabela 17-Agrupamento Estratégico dos Pontos Fracos do SL	34
Tabela 18 - Formalização da Carga Horária e da Função.....	38
Tabela 19 Validação e Certificação de Competências do Aluno	39
Tabela 20-Promoção de Práticas Mais Inclusivas e Estruturação de Redes	41
Tabela 21 Governança e o Papel da Fundação Eugénio de Almeida (FEA)	42
Tabela 22 - Praticas apresentadas pelos professores e avaliação dos projetos de SL	48
Tabela 23 - Categorização dos principais desafios à participação, inclusão e diversidade.....	60

ABREVIATURAS

SL – Service-Learning

1. Introdução

O relatório é produto do projeto VERA 2025 (Volunteering, Equality, Rights, Action), realizado com o apoio do Centro Europeu de Voluntariado (CEV) e em parceria estratégica com a Confederação Portuguesa de Voluntariado, pela Fundação Eugénio de Almeida.

O objetivo principal deste projeto foi criar condições para formular orientações para um plano regional de promoção do voluntariado, promotor da validação de competências adquiridas e do reforço da integração do voluntariado jovem, através do *Service-Learning* e da Educação Cívica nas escolas, aumentando a participação, a inclusão e a diversidade de vários grupos no voluntariado e, por isso, promovendo a igualdade de género e a inclusão social.

No decurso do projeto, com duração de 1 de abril a 10 de dezembro de 2025, foram desenvolvidas várias iniciativas que procuraram compreender como é promovido o voluntariado juvenil a partir das escolas e a integração do *Service-Learning* (SL) como metodologia que liga o serviço e a solidariedade à resposta a necessidades reais da comunidade e à criação de soluções inovadoras para as aprendizagens académicas dos alunos. Por outro lado, o projeto procurou também compreender e identificar práticas de validação de competências promovidas para reconhecer e motivar a participação dos jovens em atividades de voluntariado a partir da escola, fornecendo recomendações para o reforço e a institucionalização dessas práticas, mediante a participação dos jovens em projetos de *Service-Learning* e Educação Cívica, valorizando assim o voluntariado no território do Alentejo Central.

A escola surge neste panorama não apenas como promotora da transformação dos territórios com alto potencial de impacto, mas também como organização solidária, capaz de transmitir valores como a solidariedade, a inclusão, a diversidade e a justiça social. No território, a escola surge ainda como uma entidade capaz de agir como agente de promoção da participação ativa dos jovens, facilitando o reconhecimento de competências e a valorização por meio de certificação formal e de uma cultura de serviço e solidariedade.

Por último, a implementação de metodologias inclusivas, como o *Service-Learning* e o voluntariado, promotoras da educação inclusiva pela escola, cria condições para que as atividades de aprendizagem ligadas ao currículo escolar se tornem significativas e, por isso, para que os alunos possam alcançar uma verdadeira aprendizagem de competências para a vida e para o futuro profissional.

Um facto relevante é que todos os envolvidos nesta iniciativa destacam os benefícios que o *Service-Learning* e o voluntariado promovem na comunidade, nas escolas, nos professores e nos alunos. Estes benefícios promovem nos jovens um aumento do compromisso com a comunidade e, conseqüentemente, melhorias nas aprendizagens, porque os alunos aplicam o que aprendem a um contexto concreto, com impacto imediato e protagonismo juvenil.

2. A Aprendizagem – Serviço

2.1. A Aprendizagem - Serviço

A Aprendizagem-Serviço apresenta-se como um processo que equilibra métodos educativos e pedagogias ativas, integrando a aprendizagem experiencial e académica com a prestação de um serviço comunitário efetivo à comunidade.

Autores como Furco (Furco, 1996), (Sigmon, 1997) defendem que a Aprendizagem-Serviço é a única abordagem que se distingue pela intenção de beneficiar de forma equilibrada tanto quem presta o serviço como quem o recebe, garantindo um foco equivalente no serviço realizado e na aprendizagem que ocorre durante o processo.

O Service- Learning é distinto de outras atividades que se inclinam mais para o Serviço, neste caso, o beneficiário do serviço é o recetor, aqui, estabelece-se uma relação predominantemente assistencialista e caritativa. Quando as atividades se inclinam, para a aprendizagem, o beneficiário da ação, é o prestador que ganha vantagens educacionais ou profissionais (Furco, 1996).

No Serviço-Aprendizagem há ganhos para quem dá e para quem recebe, uma solidariedade horizontal, um compromisso ético com o outro, o alter, num contributo individual de cada um que se une para a construção de um mundo melhor.

De acordo com Tapia, (May & Tapia, 2024) o Service-Learning, o ensino aprendizagem, ensina por meio da aprendizagem experiencial, a compreensão de conceito e a colocá-los em prática. Segundo a autora, há duas coisas que motivam os jovens: por um lado que o que estudam tenha sentido prático na sua vida real, por outro que o que aprendem se ligue com os seus próprios valores. Por este motivo a aprendizagem através de projetos e a resolução de problemas, são uma forma de aproximação ao conhecimento e de entendê-lo melhor.

A Agenda2030 para o desenvolvimento sustentável, apresenta-se para os alunos, como um referencial de ação, que procura solucionar os problemas, com que se confrontam, sem conformismos e de muitas formas diferentes. É para todos os cidadão, a melhor forma, de pôr em prática o que precisamos para transformar o nosso mundo, num lugar melhor. O protagonismo e a coordenação da ação pelos alunos é uma característica do Service-Learning, colocando-os no papel de

protagonistas, e de inconformistas com o mundo que os rodeia. O Service – Learning contribui para que os alunos, assumam um papel, de inconformistas com o mundo que os rodeia.

O Service – Learning é promotor, de uma forma de ser e de estar, é muito mais do que um método pedagógico ou do que uma estratégia de ensino, é uma forma complexa e crítica de olhar o mundo, que implica reflexão e compreensão sobre as pessoas e sobre os problemas que as rodeiam.

Segundo Luis Aranguren (citado por Tapia, 2019, p. 21), explica a solidariedade como encontro, que faz com que quem recebe o serviço, seja o verdadeiro protagonista e sujeito da ação. A autora refere que esta visão ensina os alunos a se ouvirem uns aos outros, com atenção, sem preconceitos e a ajudá-los a refletir não só sobre o seu papel de prestadores do serviço, mas também de recetores da experiência e conhecimento da comunidade.

Aprender para servir e servir para aprender como propõe (Sigmon, 1997) e Aranguren, ajuda a superar a visões paternalistas, ao mesmo tempo, que coloca no Servi-Learning uma dimensão inclusiva, porque se assume que, todos, mesmo aqueles que estão em situação mais vulnerável, têm o direito de serem considerados sujeitos capazes de assumir responsabilidades e de participar, em primeira pessoa, com a sua ação individual, para transformar a realidade, sensibilizar suas comunidades e autoridades para melhorar as condições de vida, de todos (Tapia M. N., 2019).

O Service-Learning é assim, uma estratégia, muito importante para alcançar o ODS4, porque através dele é possível construir uma educação de qualidade e inclusiva.

2.2. Relação entre Voluntariado e Service - Learning

O Service- Learning e o Voluntariado Inclusivo não são equivalentes, mas quando combinados são complementares e multiplicam impactos, melhoram a aprendizagem, reforçam a participação de alunos vulneráveis ou com necessidades educativas, e enriquecem as respostas e soluções na comunidade, tal como é referido na Declaração Universal do Voluntariado. Segundo a International Association for Volunteer Effort (2001), o voluntariado é um alicerce essencial da sociedade civil. (IEVE, 2001). O voluntariado - seja através de ações individuais ou em grupo - é uma das formas que permite que:

- Os **valores** humanos de **comunidade, cuidado e serviço** possam ser sustentados e fortalecidos;
- Os **indivíduos exerçam** os seus **direitos e responsabilidades** como membros das comunidades, enquanto aprendem e crescem ao longo das suas vidas, realizando todo o seu potencial humano;

O Service-Learning apresenta-se assim como porta de entrada para o Voluntariado Inclusivo, especialmente quando envolve projetos intergeracionais pela riqueza das partilhas de conhecimento, e pela participação de todos em função das suas capacidades.

Para o Centro Europeu de Voluntariado (CEV) o conceito de Voluntariado Inclusivo, refere-se a oportunidades de voluntariado que estão disponíveis para todas as pessoas, independentemente da sua idade, cultura, género, orientação sexual, etnia, religião, estatuto social ou deficiência.

O Centro para o Voluntariado Europeu (CEV) defende que o voluntariado deve ser acessível a todos, e que existe um papel para qualquer pessoa que queira envolver-se e apoiar a sua comunidade ou organizações locais. O Voluntariado Inclusivo visa garantir que todos possam contribuir para o voluntariado num ambiente democrático e de apoio baseado na igualdade de oportunidades.

O Centro Europeu defende ainda na Declaração de Política sobre Voluntariado e Service-Learning (Outubro 2025) que o Service-Learning, ao integrar o serviço comunitário com a educação formal, embora não seja considerado voluntariado propriamente dito, serve como um caminho para o voluntariado e contribui para o cumprimento de componentes essenciais da sociedade europeia, tais como a promoção do envolvimento cívico e o fomento da cidadania ativa, da coesão social e da solidariedade entre pessoas de diversas origens.

Na elaboração do Relatório adotou-se uma abordagem participada e inclusiva, através do envolvimento de todos os atores, não só dos professores e dos alunos, mas também do setor público (municípios), da sociedade civil, como as organizações não governamentais (ONG), com capacidade de receção e promoção do voluntariado e do *Service Learning*, dos voluntários e dos parceiros estratégicos, como a Confederação Portuguesa de Voluntariado, através de uma auscultação dividida em dois processos: *focus groups* e resposta a questionário.

O processo de análise combinou métodos quantitativos e qualitativos, simples, para extrair o máximo valor dos dados recolhidos:

- **Análise Quantitativa:** As respostas a perguntas de escolha múltipla e de formato "Sim/Não" foram agregadas para calcular contagens absolutas e frequências relativas. Este processo permitiu identificar padrões e tendências gerais de forma objetiva, como as motivações mais comuns ou as barreiras mais prevaletentes na amostra.

- **Análise Qualitativa:** As respostas abertas, nomeadamente as que incidem sobre as competências desenvolvidas e as sugestões de melhoria, foram submetidas a uma análise de conteúdo. Esta técnica consistiu na codificação e categorização das respostas para identificar temas recorrentes, padrões de linguagem e extrair exemplos ilustrativos que conferem profundidade e contexto aos dados numéricos.

Com a metodologia devidamente estabelecida, apresentam-se os primeiros resultados, focados nos fatores que impulsionam os alunos a envolverem-se em ações de voluntariado, por meio do *Service Learning* e da Educação Cívica.

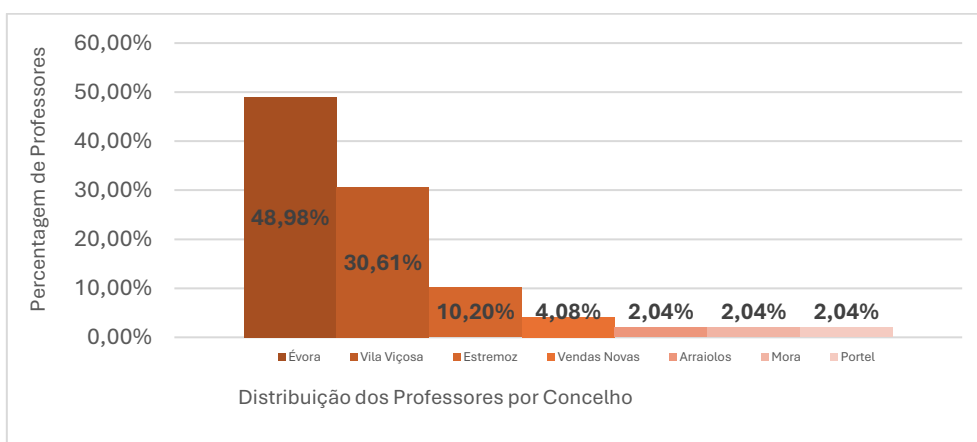
3. Caracterização da Amostra de Professores no Alentejo Central

A análise estatística dos dados recolhidos junto dos professores no Alentejo Central, teve como objetivo analisar o perfil sociodemográfico dos professores, o perfil pedagógico, conhecer a experiência e familiaridade com o conceito de Service-Learning, identificar boas praticas de SL (ou ações relacionadas) e medir o impacto percecionado pelos professores. Procurou ainda explorar temas como a validação de competências, voluntariado inclusivo percecionadas pelos professores, e recolher opiniões e sugestões sobre o tema do SL e do Voluntariado Inclusivo no Alentejo Central.

3.1. Respostas por território

O questionário recebeu respostas de professores de 7 dos 14 concelhos que pertencem ao Alentejo Central, o que corresponde a uma taxa de participação de 50% dos concelhos da região. O Alentejo Central, que integra o Distrito de Évora, é composto pelos seguintes 14 municípios: Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa.

Gráfico 1 Distribuição por Concelho



Fonte: Dados do Questionário a Professores

A amostra é **geograficamente densa**, a maioria dos professores exerce funções em Évora, 24 professores (48,98% da amostra), seguindo-se Vila Viçosa com 15 professores (30,61%) e Estremoz com 5 professores (10,20%) e Vendas Novas, com resposta de 2 docentes (4,08%).

Já os concelhos de Arraiolos, Mora e Portel contam, cada um, com 1 participante, correspondendo individualmente a 2,04% do total de professores inquiridos. Os concelhos de **Alandroal, Borba, Montemor-o-Novo, Mourão, Redondo, Reguengos de Monsaraz e Viana do Alentejo** não obtiveram qualquer resposta ao questionário.

Os **49 professores** que participaram, são provenientes de **11 entidades distintas** (Agrupamentos de Escolas e Escolas Secundárias com autonomia), representando, aproximadamente, **61,1% dos 18 Agrupamentos** existentes na área geográfica do Alentejo Central. Esta ampla abrangência sublinha a **relevância dos dados** para o contexto regional e a capacidade de representação do estudo

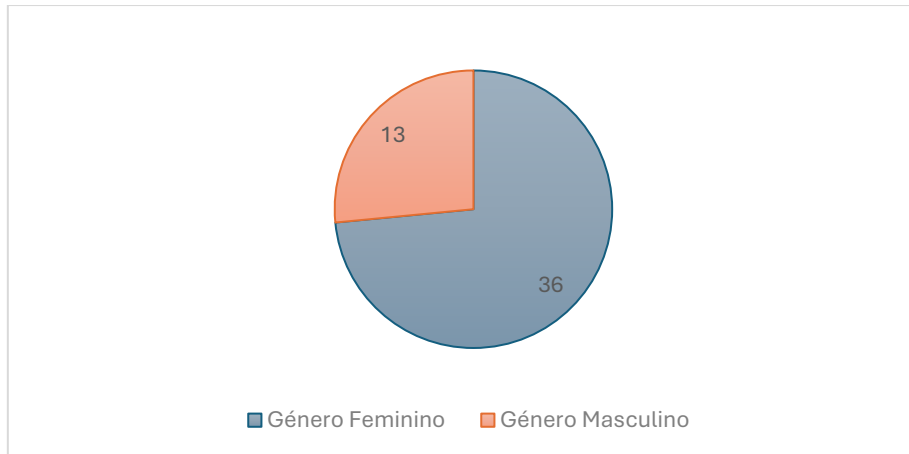
Desta forma, foram consideradas como unidades autónomas os **Agrupamentos de Escolas (AE)** e as **Escolas Secundárias com autonomia de gestão**, visto serem as entidades responsáveis pela gestão do corpo docente e do currículo pedagógico, em conformidade com a estrutura do sistema educativo português.

Resumindo, questionário recebeu respostas de professores de **7 dos 14 concelhos** que pertencem ao Alentejo Central, o que corresponde a uma forte taxa de participação de **50% dos concelhos da região**, conferindo **validade geográfica** ao estudo. A amostra abrange ainda **11 entidades distintas** (Agrupamentos de Escolas e Escolas Secundárias), representando aproximadamente **61,1%** dos 18 Agrupamentos existentes na área, o que sublinha a relevância e a capacidade de representação dos dados para o contexto regional.

3.2. Perfil Demográfico e Pedagógico dos Participantes

No que concerne ao perfil dos docentes, as mulheres constituem a maioria (n=36, 73,47% da amostra), contrastando com os homens (n=13, 26,53%), conforme apresentado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Distribuição por Género



Fonte: Dados do Questionário a Professores

Na Tabela 1, apresentada abaixo, podemos observar o **resumo estatístico da idade** dos professores. Os dados confirmam que a **idade média** do corpo docente inquirido é de **52,32 anos**. É de salientar que a análise revela que os professores com **mais de 50 anos** estão em maioria e são os mais representados, correspondendo a 75,51% da amostra, que são 37 professores. Este perfil reflete uma predominância de adultos com conhecimento e maturidade, cujas idades variam entre o mínimo de 31 anos e o máximo de 64 anos.

Tabela 1 – Resumo estatístico da idade

Estatística	Valor
N (Total de Respondentes)	49
Idade Média (Calculada)	52,32 anos
Idade Mínima	31 anos
Idade Máxima	64 anos
Faixa Etária Mais Frequente	59 anos (com 8 respostas)
Representação de Professores com 50 anos ou mais	75,51% (37 respostas)

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

A análise dos professores por classes etárias, detalhada na Tabela 2, revela que **85,72 %** dos professores (n=42) têm mais de 45 anos. As faixas etárias dos **46 aos 55 anos** e dos **56 anos ou mais** estão igualmente representadas, ambas com 42,86% da amostra (n=21 em cada).

Tabela 2 – Distribuição por classes etárias, dados do questionário a professores

Faixa Etária (Classes)	Contagem (n)	Percentagem (%)
Até 45 anos	7	14,29%
46 a 55 anos	21	42,86%
56 anos ou mais	21	42,86%
Total	49	100

Fonte: Elaboração própria

Para a caracterização do perfil pedagógico dos professores, e com o objetivo de uniformizar as respostas abertas, as áreas disciplinares lecionadas foram submetidas a uma dupla categorização. Primeiramente, as disciplinas foram associadas ao seu Grupo de Recrutamento (GR) estimado para garantir o rigor formal da classificação. Posteriormente, o corpo docente foi agrupado em dois níveis analíticos distintos: 5 Macro Categorias (grandes áreas de conhecimento) e por 10 Categorias Analíticas (áreas de intervenção pedagógica ou curricular).

Na Tabela 3, apresentamos a distribuição do corpo docente pelas 5 Macro Categorias (Grandes Áreas de Conhecimento). Os resultados demonstram um predomínio das áreas de Línguas e Literaturas (LL) e Educação Básica e Especial (BEE), que, em conjunto, representam mais de metade da amostra (55,10%).

Tabela 3 – Distribuição do Corpo Docente por Macro Categorias Curriculares (Grandes Áreas de Conhecimento)

Categoria	Abreviatura	Contagem(n)	Percentagem (%)
Línguas e Literaturas	LL	14	28,57%
Educação Básica e Especial	BEE	13	26,53%
Ciências, Matemática e Tecnologia	CMT	9	18,37%
Ciências Sociais e Humanas	CSH	8	16,33%
Educação Física, Expressões e Artes	EFEA	5	10,20%
Total		49	100,00%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

A Tabela 4 apresenta as 10 Categorias Analíticas, que correspondem às áreas de intervenção pedagógica ou curricular de intervenção dos professores. A categoria Ensino Básico / Pré-escolar (EBPE) é a mais expressiva, com 18,37%, seguida de perto pelas categorias de Línguas (LE e PE), ambas com 14,29%.

Tabela 4 – Distribuição por Categorias Analíticas de Intervenção

Categoria	Abreviatura	Contagem(n)	Percentagem (%)
Ensino Básico / Pré-escolar	EBPE	9	18,37%
Línguas Estrangeiras	LE	7	14,29%
Português e Combinados	PE	7	14,29%
Ciências Naturais e Exatas	CNE	5	10,20%
Educação Especial	EE	4	8,16%
Educação Física	EF	4	8,16%

Matemática	MAT	4	8,16%
Outras Disciplinas	OUT	4	8,16%
História / Geografia	HG	3	6,12%
Áreas Transversais / Cidadania	ATC	2	4,08%
Total		49	100,00%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

A análise da amostra e os dados das Tabelas 3 e 4 demonstram que todos os níveis de ensino, desde o **Ensino Pré-escolar até ao Ensino Secundário**, estão representados, e que as áreas disciplinares lecionadas são, de facto, diversas. Contudo, verifica-se um **claro predomínio** dos Professores que manifestam interesse pelo tema do Service-Learning e pelo Voluntariado Inclusivo nas áreas de **Línguas e Literaturas (LL) e de Educação Básica e Ensino Especial (BEE)**. Esta concentração reflete-se, nas principais **áreas de intervenção** dos inquiridos, nomeadamente no Ensino Básico/Pré-escolar e nas Línguas (Portugues e Estrangeiras).

4. A Experiência e as Práticas de Service-Learning, professores

4.1. Experiência em atividades de Service-Learning

A análise da experiência dos professores do Alentejo Central com atividades de Service-Learning (SL), revela-nos que a maioria dos professores não tem qualquer experiência com o SL. Conforme demonstrado na Tabela 5, 75,51% (37 professores), responderam “Não” ter experiência. Por contraste, apenas 24,49% (12 professores) afirmaram ter experiência com a metodologia de SL. Podemos, assim, concluir que o envolvimento com SL é de, aproximadamente, um quarto (1/4) dos professores, e que três quartos (3/4) da amostra não conhece ou não o implementa.

Tabela 5 - Tem experiência em atividades de Service-Learning?

Resposta	Contagem (n)	Percentagem (%)
Não	37	75,51%
Sim	12	24,49%
Total	49	100,00%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

4.2. Análise de Conhecimentos Service-Learning

A Tabela 6 dá-nos informação sobre conhecimento e prática de SL dos professores, nomeadamente se desenvolvem práticas ou conhecem práticas que estejam a ser desenvolvidos na escola:

Tabela 6 - Desenvolve ou conhece projetos de Service-Learning na Escola?

Resposta	Contagem (n)	Percentagem (%)
Sim desenvolvimento, sim conheço	1	2,04%
Sim, desenvolvimento	5	10,20%
Sim conheço	7	14,29%
Não desenvolvimento, não conheço	2	4,08%
Não desenvolvimento	6	12,24%
Não conheço	28	57,14%
Total	49	100,00%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

A amostra revela que, a percentagem de professores, que não desenvolvem projetos de SL, nem conhecem projetos de SL que estejam a ser desenvolvidos na escola, é elevada, 73,47% (36 professores). Os professores que afirmam desenvolver e conhecer a metodologia de SL é de 26,43% (13 professores), podemos assim dizer que embora baixo, este número, representa um núcleo de prática que pode servir de base para futuras redes de partilha e de formação.

No decorrer da análise de dados, e face aos resultados obtidos, procurámos demonstrar o status exato de cada professor face ao SL:

Tabela 7 - Status dos Professores em Relação ao Service-Learning

Categoria Analítica (Consolidada)	Respostas Brutas Incluídas	Contagem (n)	Percentagem (%)
Implementação Prática	"Sim desenvolvimento, sim conhecimento" + "Sim, desenvolvimento"	6	12,24%
Familiaridade com Conceito	"Sim conhecimento"	7	14,29%
Potencial de Implementação	"Não desenvolvimento"	6	12,24%
Ausência de Conhecimento	"Não conhecimento" + "Não desenvolvimento, não conhecimento"	30	61,22%
Total		49	100,00%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

De salientar que mais de metade da amostra (61,22%) está no *status* de ausência de conhecimento, validando a necessidade de iniciar um processo de formação e divulgação do SL. A soma dos professores com **Implementação Prática** e **Familiaridade com o Conceito** (26,53%) indica, um ponto de partida para a expansão da metodologia de SL, através da partilha.

4.3. Validação de Competências

A existência de mecanismos formais de validação de competências adquiridas em voluntariado é um indicador da importância institucional dada ao Service-Learning (SL) e ao Voluntariado na Escola.

Através da questão **“Na sua escola existem mecanismos formais para reconhecer competências adquiridas pelos alunos em voluntariado?”**, procurámos conhecer se existe validação de competências e suporte institucional para as atividades de SL e Voluntariado, conforme apresentado na Tabela 8:

Tabela 8 - Existência de Mecanismos Formais para o Reconhecimento de Competências em Voluntariado

Resposta	Contagem (n)	Percentagem (%)
Sim	23	46,94%
Não	9	18,37%
Não sei / Sem Informação	17	34,69%
Total	49	100,00%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

A análise da Tabela 8, sobre a existência de mecanismos formais de reconhecimento, revelou que **46,94 %** (23 professores) confirma o seu uso. No entanto, o **elevado desconhecimento** (34,69% de “Não Sei”) e a negação (18,37% de “Não”) indicam que **mais de metade da amostra** (53,06%) não tem certeza ou confirma a ausência de mecanismos de validação.

Perguntámos de seguida aos professores que responderam “Sim” à questão anterior que nos indicassem que práticas de validação são utilizadas. A análise revelou, contudo, que, embora tivessem respondido 'Não' ou 'Não sei' à pergunta principal, **10 professores apresentaram práticas de validação**.

Estas respostas indicam-nos que o processo de validação é assumido por cada professor para a sua disciplina ou que muitos professores estão a aplicar práticas de reconhecimento num quadro de avaliação que é realizado individualmente pelo professor e **não formalmente num quadro de avaliação integrado** numa área departamental ou pela escola em si. Para garantir o rigor, os 10 professores que disseram 'Não' ou 'Não sei' e apresentaram respostas foram **excluídos**, e não foram considerados como fontes válidas de “práticas formais”.

Foram de seguidas mencionadas e contabilizadas as práticas mencionadas pelos **23 professores** que deram uma resposta clara de “Sim” e que podemos ver de seguida na Tabela 9:

Tabela 9 - Mecanismos de Validação

Mecanismo de Validação	Contagem	Percentagem
Avaliação integrada em Cidadania e Desenvolvimento	16	69,57%
Menção no Suplemento ao Diploma / Europass	12	52,17%
Reconhecimento Interno (ex: carta de recomendação)	4	17,39%
Portfólios, registos ou diários de atividades	4	17,39%
Certificação Formal (ex.: cursos acreditados)	1	4,35%
Avaliação informal	1	4,35%
Registo no certificado de habilitações do aluno	1	4,35%
Validação pelo conselho de turma, mediante declaração da entidade	1	4,35%
Certificado de participação e registo no processo do aluno	1	4,35%
Certificado obtidos por projetos de parcerias	1	4,35%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

A **avaliação**, na disciplina de Cidadania (16 professores, 69,57%), é o mecanismo de validação mais evidente, ligando-o, ao quadro formal da escola (disciplina de Cidadania). Reconhece que as competências validadas são as competências cívicas e sociais, o que sugere que o SL e Voluntariado, são vistos como ferramentas pedagógicas, que estão a ser integradas pelos professores para o cumprimento dos objetivos curriculares da disciplina de Cidadania. Este resultado

revela também que o reconhecimento destas competências, está **fortemente dependente da avaliação sumativa**, na disciplina de Cidadania.

O segundo mecanismo mais frequente é a **Menção no Suplemento ao Diploma / Europass** (12 contagens). Este mecanismo confere valor oficial e externo à experiência dos alunos. Demonstra que as escolas reconhecem que as competências adquiridas em SL e Voluntariado são relevantes para a progressão académica (candidaturas, bolsas) e para o futuro profissional dos jovens.

Estes dois mecanismos, demonstram que as escolas estão a utilizar a disciplina de **Cidadania e Desenvolvimento** para **formalizar** o Service-Learning e o Voluntariado, e estão a traduzir essas experiências em **documentos oficiais**, como o Suplemento ao Diploma, mostrando uma preocupação com o **futuro dos alunos**.

A utilização de **Portfólios, registos** ou **diários de atividades**, são práticas mencionadas (4 contagens) e indicadores positivos, porque são ferramentas de reflexão, que apoiam a consolidação de conhecimentos, ao exigirem que os alunos não façam apenas a atividade, mas que demonstrem e reflitam sobre as competências que adquiriram. Estas ferramentas são, por isso, essenciais para a metodologia de SL e para o voluntariado. No caso do voluntariado, a Fundação Eugénio de Almeida utiliza, junto dos seus voluntários, a ficha de registo de atividades e o registo regular da atividade de voluntariado, para registo de horas e reflexão sobre a experiência. Estes registos permitem, posteriormente, a acreditação e certificação do trabalho voluntário, em conformidade com o Decreto-Lei n.º 389/1999 (República, Decreto-Lei n.º 389/99. Diário da República, I Série-A, n.º 228, 6679-6820., 1999) que detalha as regras para a relação entre voluntários e entidades, direitos e deveres. Pontualmente, o portfólio também é utilizado como elemento complementar de validação de competências e como instrumento de acompanhamento dos voluntários nos projetos, promovendo a consolidação e o pensamento crítico sobre as suas práticas de voluntariado.

O **Reconhecimento Interno** (cartas de recomendação, diplomas de mérito), com quatro contagens, embora não sejam formais no sentido curricular, funcionam como incentivo e motivação, e reforçam o valor da cidadania ativa na cultura escolar.

Embora menos frequentes, foram apresentados outros seis mecanismos, mostrando que há um espectro e diversidade de mecanismos de validação utilizados pela escola, que complementam os dados principais apresentados para a validação de competências. De referir que, por serem menos frequentes, representam **práticas específicas e não generalizadas**, que podem **ser exemplos a partilhar** entre professores/escolas, como por exemplo a certificação formal.

A **certificação formal** (cursos acreditados) para o SL/voluntariado, embora mencionada apenas uma vez (INQ n.º 44 – Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira, Évora), é bastante significativa, pois reflete um dos níveis mais elevados de formalização de competências.

Este mecanismo demonstra que a escola, em colaboração com entidades externas certificadas pela Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT), atribui aos alunos um documento com valor legal e utilidade prática para o seu futuro profissional. Esta validação permite à escola ir além do reconhecimento interno, transformando a experiência de Serviço de Aprendizagem (SL) e voluntariado numa qualificação oficialmente reconhecida pelo mercado de trabalho. Para a escola, esta certificação representa uma mais-valia significativa na valorização profissional dos alunos.

A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) é uma organização internacional que reúne países comprometidos com a democracia e a economia de mercado, tendo como missão promover políticas que melhorem o bem-estar económico e social. No domínio da educação, a OCDE desenvolve estudos e recomendações que orientam estratégias para o desenvolvimento de competências, como é o caso do *Skills Strategy Diagnostic Report: Portugal 2015*. De acordo com este relatório (OECD, 2015), a coesão social é fortemente influenciada pelo nível de competências da população, uma vez que estas determinam a capacidade de participação ativa na economia e na sociedade.

O Service-Learning contribui para o desenvolvimento de competências nos alunos (Koslowsky, Lorenzen, Anjos, Silva, & Matranka, 2023) — como pensamento crítico, resolução de problemas, compreensão do mundo real, comunicação, criatividade e inspiração para a mudança — sendo, por isso, uma estratégia essencial para a promoção de competências relevantes para a sociedade.

A integração do Service-Learning no ensino formal, com o objetivo de promover a inovação na educação para o voluntariado e o voluntariado, constitui uma solução que não só beneficia os estudantes, ao dar propósito à aprendizagem, como também reforça a ligação entre educação e participação cívica, potenciando impactos positivos na comunidade.

Embora não seja possível determinar o percurso específico dos alunos (ensino regular ou profissional) que obtiveram a certificação formal, esta prática assume particular relevância quando se refere a um aluno do ensino regular. A menção da Fundação Eugénio de Almeida (entidade acreditada pela DGERT) como parceira, feita pelo professor que apresenta a certificação de competências e descreve um projeto enquadrado como prática de Service-Learning, sublinha uma mais-valia crucial: permite que alunos do ensino geral beneficiem de uma certificação legal de competências, normalmente associada aos cursos profissionais. Esta parceria

constitui um modelo de sucesso para a institucionalização externa do Service-Learning e do voluntariado, pois oferece uma dupla validação ao aluno: a avaliação escolar e uma qualificação profissional reconhecida no mercado.

A presença de menções como **Registo no certificado de habilitações do aluno** (1) e o **Certificado de participação e registo no processo do aluno** (1) sublinha a importância atribuída à inclusão destas experiências em documentos oficiais permanentes. Este procedimento garante que as atividades de serviço e voluntariado são reconhecidas a longo prazo, acompanhando as qualificações e notas académicas do aluno.

A análise revela indícios de validação interinstitucional nas respostas que mencionam a **Validação pelo conselho de turma**, mediante declaração da entidade (1) e o **Certificado obtidos por projetos de parcerias** (1).

Estas contagens são significativas porque demonstram que o processo de reconhecimento das competências extrapola os limites físicos e burocráticos da escola. A necessidade de envolvimento de entidades externas (parceiros da comunidade) no processo de certificação reflete a natureza do SL, que exige uma forte articulação com a comunidade para que a aprendizagem e a validação ocorram num contexto real de serviço.

4.4. Perspetiva dos Professores sobre a Eficácia das Práticas de Validação na Valorização da Aprendizagem dos Alunos

A análise das respostas sobre a eficácia das práticas de validação revela um consenso significativo entre os professores inquiridos, conforme apresentado na Tabela 10:

Tabela 10 - Perceção de Eficácia dos Mecanismos de Validação

Resposta	Contagem (n)	Percentagem (%)
Eficazes	23	46,94%
Muito eficazes	12	24,49%
Muitíssimo eficazes	10	20,41%
Pouco eficazes	3	6,12%
Nada eficazes	1	2,04%
Total	49	100,00%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

A grande maioria dos professores (91,84%) considera as práticas de validação eficazes, classificando-as como **Eficazes (46,94%)**, **Muito eficazes (24,49%)** ou **Muitíssimo eficazes (20,41%)**.

Apesar da avaliação global ser positiva, constata-se que o conhecimento sobre a metodologia de Serviço de Aprendizagem (SL) continua limitado (61,22%). Ainda assim, 46,94% dos professores (23 inquiridos) que aplicam o SL e recorrem a

mecanismos de validação (como a Menção no Diploma ou a Avaliação em Cidadania, os mais referidos) desenvolvem práticas que acrescentam valor significativo à aprendizagem dos alunos.

Esta perceção favorável é importante, pois evidencia que os principais desafios enfrentados pelos docentes passam pela falta de conhecimento e pela necessidade de quadros orientadores (promotores de ambientes de aprendizagem mais colaborativos e inclusivos).

Face a estes desafios, recomenda-se a criação de quadros orientadores, formação contínua e mecanismos de partilha de boas práticas, garantindo coerência e eficácia na validação das aprendizagens.

4.5. Conclusões

a) Barreiras ao Desenvolvimento e Potencial de Crescimento do Service - Learning

A análise evidencia que o potencial do Service-Learning (SL) para promover a inovação na educação para o voluntariado é limitado pela falta de conhecimento dos professores sobre esta metodologia (61,22%). Este dado confirma a necessidade de iniciar um processo estruturado de formação e divulgação do SL nas escolas, garantindo a sua implementação e potenciando a inovação na educação para o voluntariado, bem como o desenvolvimento de um voluntariado inclusivo no Alentejo Central.

A soma dos docentes com implementação prática e familiaridade com o conceito (26,53%) revela a existência de um núcleo de praticantes (12,24%) e de um núcleo recetivo (14,29%), ambos essenciais como ponto de partida para a expansão da metodologia. O apoio e a replicação das práticas destes núcleos devem constituir a base para a disseminação do SL e do voluntariado na região.

b) A entrada do Service-Learning no Currículo dos Alunos, da esfera extracurricular ao currículo escolar

As respostas dos professores sobre os mecanismos de validação de aprendizagens apresentam uma forte incidência na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento (16 contagens), o que indica que já existe avaliação para praticas de Service-Learning, mas apenas numa única disciplina. Ao contrário do que muitas vezes se pensa, o Service-Learning (SL) não é uma atividade extracurricular reservada a um grupo restrito de estudantes motivados. Pelo contrário, é uma componente essencial da pedagogia, com relevância para todos (Koslowsky, Lorenzen, Anjos, Silva, & Matraka, 2023).

Nesta metodologia, os estudantes assumem dois papéis democráticos: na sala de aula e na sociedade. Tornam-se protagonistas na definição e organização do seu envolvimento, refletindo sobre o processo, enfrentando desafios e encontrando soluções. Ao mesmo tempo, aplicam os seus conhecimentos e competências em questões sociais, ambientais, culturais ou políticas que os mobilizam (serviço), garantindo que essa participação está alinhada com os conteúdos curriculares (aprendizagem) (Koslowsky, Lorenzen, Anjos, Silva, & Matraka, 2023).

Segundo o relatório *La solidaridad como futuro de la educación* da UNESCO e CLAYSS (May & Tapia, 2024), o SL não se limita a uma única disciplina. Pelo contrário, é apresentado como uma estratégia pedagógica transversal, que pode ser aplicada de diferentes formas:

- Numa disciplina específica, quando o projeto está diretamente relacionado com os conteúdos dessa área.
- De forma interdisciplinar, envolvendo várias disciplinas para responder a desafios complexos.
- Em projetos escolares ou comunitários mais amplos, que articulam diferentes áreas do currículo.

O relatório sublinha que a essência do SL é integrar serviço e aprendizagem curricular, incentivando abordagens colaborativas e integradas, em vez de restringir a sua aplicação a uma só disciplina. Para que o SL seja plenamente integrado nas escolas, é necessário que deixe de depender exclusivamente da iniciativa individual dos docentes familiarizados com a metodologia, como evidenciam os dados da Tabela 7, onde apenas 12,24% dos professores reportam implementação prática. Atualmente, a sua aplicação resulta de decisões pessoais, o que cria situações em que, dentro da mesma escola, alguns alunos têm acesso a práticas inovadoras e à experiência de aprendizagem e serviço na comunidade, enquanto outros não usufruem dessas oportunidades.

Para reduzir esta desigualdade, torna-se essencial investir na formação contínua dos professores e promover um ambiente colaborativo que favoreça a partilha de experiências e estratégias. Assim, todos os alunos poderão beneficiar de uma educação orientada para o SL e para o voluntariado, mais equilibrada e enriquecedora, independentemente da turma ou do professor. Além disso, a integração do SL como parte da política escolar contribuirá para consolidar uma cultura educativa dinâmica e inclusiva, onde a curiosidade e o pensamento crítico assumem um papel central.

A integração do SL na política escolar promove uma abordagem de “Escola Integral” (*Whole School Approach*), tal como descrito no documento *Dentro e Fora da Caixa*. Esta perspetiva transforma a escola num espaço que vai além do ensino tradicional, assumindo-se a escola, como uma verdadeira comunidade educativa. Os estudantes deixam de ser meros recetores de conhecimento e passam a desempenhar um papel ativo, ampliando a sua participação para além dos muros da escola e fortalecendo relações com familiares, cuidadores/as, pessoal não

docente, professores/as e organizações locais (Martins, Jorge Cardoso, Fernandes, & Machado, 2022), que defendem esta visão comunitária da escola.

Segundo (Koslowsky, Lorenzen, Anjos, Silva, & Matraka, 2023), o SL demonstra a eficácia da aprendizagem experiencial, reforçando a necessidade de integrar estas práticas nos currículos. Além disso, contribui para alcançar objetivos das políticas educativas, como a melhoria dos resultados académicos, o desenvolvimento da responsabilidade cívica e o envolvimento comunitário. Esta abordagem facilita parcerias entre instituições educativas e organizações locais, alinhando os objetivos escolares com as necessidades da comunidade e promovendo um desenvolvimento de toda a comunidade, por isso mais holístico.

Para as famílias, o SL oferece garantias de uma educação abrangente, que prepara os alunos com competências essenciais para a vida, para além do conhecimento académico. Ao mesmo tempo, incentiva uma participação mais ativa dos pais em projetos escola-comunidade e fortalece as relações entre escola, família e comunidade, criando um sentido de pertença e responsabilidade partilhada na educação e desenvolvimento das crianças.

Deste modo, a Aprendizagem-Serviço atua como catalisador de relações mutuamente benéficas, estabelecendo bases para uma transformação sustentável e duradoura, onde a escola se afirma como um espaço integral de aprendizagem, cidadania e cooperação. Assim, a integração do SL na política escolar não é apenas desejável, mas poder ser um meio para garantir equidade, inovação pedagógica e uma educação orientada para a cidadania.

c) Partilha e integração do SL

Os professores (12 contagens) indicam que a Menção no Suplemento ao Diploma/Europass é uma das práticas mais utilizadas para validar aprendizagens, constituindo um mecanismo robusto de institucionalização, pois descreve os conhecimentos e competências adquiridas pelos alunos. Paralelamente, a utilização de Portfólios e Registos, enquanto instrumentos de reflexão e documentação, revela uma abordagem estruturada que contribui para consolidar aprendizagens e apoiar a avaliação. Estes mecanismos são relevantes para partilha entre escolas e entidades interessadas no desenvolvimento da Aprendizagem-Serviço (SL), por se apresentarem como práticas essenciais na validação de competências.

A integração da Aprendizagem-Serviço na política escolar não deve ser vista apenas como uma estratégia pedagógica, mas como uma abordagem sistémica, que contribui para uma escola mais inclusiva, participativa e ligada à comunidade. Este enquadramento encontra suporte no Decreto-Lei n.º 55/2018, que redefine o currículo dos ensinos básico e secundário e introduz a Autonomia e Flexibilidade Curricular (AFC), permitindo às escolas adaptar o ensino às necessidades dos alunos, promover o trabalho interdisciplinar e valorizar a Cidadania e Desenvolvimento (República, Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06, 2018).

A Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC) reforça esta visão, ao definir as Aprendizagens Essenciais (AE) para a componente curricular de Cidadania e Desenvolvimento, que orientam o desenvolvimento gradual de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores ((DGE), 2025). A operacionalização desta estratégia ocorre a dois níveis: no agrupamento de escolas e em cada turma, garantindo que os critérios de avaliação consideram o impacto da participação dos alunos em atividades escolares e comunitárias ((DGE), 2025).

De acordo com a ENEC o Conselho Geral, órgão de direção estratégica, assegura a definição das linhas orientadoras e a participação da comunidade educativa, enquanto a coordenação da estratégia é atribuída a um docente designado. Para concretizar esta abordagem, as escolas podem estabelecer parcerias com entidades externas, em colaboração com as famílias, reforçando a ligação escola-comunidade. A avaliação das aprendizagens na componente de Cidadania e Desenvolvimento deve ser contínua, sistemática e adaptada aos contextos, recorrendo a técnicas diversificadas. A utilização de instrumentos como portfólios, registos e outros mecanismos de validação de competências transversais, referidos pelos professores, na Tabela 9, constitui um exemplo de boas práticas que merece ser partilhado, pois reforça a reflexão, a consolidação de conhecimentos e a avaliação estruturada dos alunos.

d) Integração da Aprendizagem-Serviço: Uma Abordagem Sistémica e Recomendações

A Aprendizagem-Serviço (SL) é entendida como uma estratégia pedagógica que articula intencionalmente conteúdos curriculares com ações solidárias orientadas para necessidades reais da comunidade, promovendo aprendizagens significativas e o desenvolvimento de competências académicas, sociais e cívicas (May & Tapia, 2024). A sua institucionalização na política escolar configura uma mudança estrutural, potenciando escolas mais inclusivas, participativas e conectadas com o território, em consonância com a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania ((DGE), 2025).

Para que esta integração seja efetiva e contribua para a validação das aprendizagens e competências adquiridas pelos alunos, recomenda-se:

1. **Integração formal nos currículos** – Garantir que os projetos SL sejam reconhecidos como parte das disciplinas, permitindo que as aprendizagens realizadas no contexto comunitário sejam avaliadas e certificadas, evitando que fiquem limitadas a atividades extracurriculares.
2. **Formação contínua de docentes** – Capacitar professores para desenhar projetos SL que articulem objetivos pedagógicos com desafios reais da comunidade, assegurando que as competências desenvolvidas (como pensamento crítico, resolução de problemas e cidadania ativa) sejam validadas.

3. **Parcerias sustentáveis com a comunidade** – Estabelecer protocolos de colaboração entre escolas e organizações locais, criando oportunidades para práticas SL que tenham impacto social e relevância educativa, reforçando a ligação entre teoria e prática.
4. **Envolvimento das famílias** – Promover mecanismos que incentivem pais e cuidadores a participar nos projetos, fortalecendo a relação escola-família-comunidade e contribuindo para uma aprendizagem mais contextualizada e significativa.
5. **Monitorização e avaliação das competências** – Definir indicadores claros para avaliar não só o desempenho académico, mas também as competências transversais adquiridas através do SL, como responsabilidade cívica, empatia e capacidade de trabalho em equipa.

Ao consolidar estas medidas, a Aprendizagem-Serviço deixa de ser uma prática isolada e passa a integrar uma abordagem sistémica, que valoriza a aprendizagem experiencial e a validação das competências desenvolvidas pelos alunos, promovendo uma educação orientada para a cidadania e para a transformação social.

5. Impacto do Service -Learning e Áreas Temáticas Prioritárias

5.1. Distribuição temática das Áreas Trabalhadas nos Projetos de Service-Learning e Voluntariado

A análise da distribuição temática (Tabela 11) revela que os projetos de SL e Voluntariado desenvolvidos pelos professores se concentram em áreas que refletem a prioridade do currículo de Cidadania e Desenvolvimento, mas também demonstram uma preocupação significativa com a Sustentabilidade e a Inclusão Social.

Tabela 11– Áreas Temáticas Mais Trabalhadas nos Projetos

Tema	Contagens (n)	% nas Respostas Válidas (N=43)
1. Direitos Humanos e Cidadania Ativa	38	88,40%
2. Sustentabilidade Ambiental	27	62,80%
3. Inclusão Social e Diversidade	26	60,50%
4. Saúde e bem-estar	19	44,20%
5. Valorização do Património	10	23,30%

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

Os resultados evidenciam que a **Cidadania Ativa** é a área temática mais presente nos projetos (88,4%), o que confirma a sua integração no currículo e a aposta na formação para a participação democrática. Em segundo plano surgem **Sustentabilidade Ambiental** (62,8%) e **Inclusão Social e Diversidade** (60,5%), que se afirmam como eixos centrais de intervenção comunitária, em consonância com os **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)** da Agenda 2030 (Unidas, Organização das Nações, 2015) . Temas como **Saúde e Bem-Estar** (44,2%) e **Valorização do Património** (23,3%) aparecem com menor frequência, mas revelam diversidade nas áreas abordadas. Estes dados confirmam que o **SL** é utilizado como estratégia pedagógica para promover competências de cidadania, inclusão e sustentabilidade.

A metodologia de SL apresenta um elevado potencial para o desenvolvimento dessas competências. De acordo com o guia europeu sobre *service-learning*, esta abordagem promove competências sociais e cívicas, pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração e responsabilidade social, articulando conteúdos curriculares com ações comunitárias (Koslowsky, Lorenzen, Anjos, Silva, & Matraka, 2023). De forma semelhante, o guia da CLAYSS reforça que a AS integra aprendizagem significativa com solidariedade, favorecendo protagonismo estudantil e valores éticos (Tapia M. N., 2019). Autores como (Caetano & Felgueiras, 2019) defendem que a integração de atividades académicas com serviço à comunidade contribui para o desenvolvimento de competências como responsabilidade social, pensamento crítico e cidadania, essenciais para a sustentabilidade.

Além disso, as áreas temáticas mais trabalhadas nos projetos (como Direitos Humanos, Sustentabilidade Ambiental e Inclusão Social) coincidem com os domínios prioritários da **Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC)** que também inclui o voluntariado como prática educativa promotora de solidariedade, participação ativa e responsabilidade social, incentivando os alunos a envolverem-se em ações que contribuem para o bem comum e para a coesão social ((DGE), 2025). Esta valorização do voluntariado é igualmente destacada no **Relatório Voluntariado Nacional 2023**, que sublinha o papel do voluntariado na promoção da cidadania ativa e na concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Portuguesa, 2023). Esta metodologia contribui ainda para o desenvolvimento das competências previstas no **Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória**, nomeadamente pensamento crítico, responsabilidade social e participação democrática (República Portuguesa, 2017).

5.2. Agrupamento estratégico dos pontos fortes do SL (impacto positivo)

A análise da questão aberta "*Da sua experiência, quais são os pontos fortes das iniciativas de Service Learning que conhece?*" teve como propósito classificar a **perceção do valor** e das **consequências** da prática, identificando os **efeitos** e a **mais-valia da metodologia** (o **impacto**) na perspetiva dos docentes.

Para este fim, foi implementada uma **Análise de Conteúdo Qualitativa**. Numa primeira fase, as frases mais representativas e recorrentes – a **evidência empírica** – foram sintetizadas para justificar a criação das categorias e a sua contagem. Seguiu-se uma fase de **meta-análise**, onde os dados empíricos foram ativamente articulados com a **literatura fundamental de Service Learning (SL)** (Koslowsky, Lorenzen, Anjos, Silva, & Matraka, 2023) e (Tapia M. N., 2019)(Koslowsky et al., 2023; Tapia, 2019), os conceitos de **inovação na educação para o voluntariado** e o enquadramento do **voluntariado inclusivo**. A meta-análise, foi o processo que se realizou, envolveu **interpretação** (ligar os dados à teoria) e **sintetização** (criar as categorias).

Este processo analítico levou à organização das respostas em três categorias principais:

- **Eixo I. Protagonismo e Desenvolvimento Integral**

Foco na formação do aluno: autonomia, competências socioemocionais, cívicas e preparação para a vida. Este eixo agrupa as respostas que se focam na capacidade do SL em promover a autonomia, o desenvolvimento de competências-chave (cognitivas e socioemocionais) e a incorporação de valores cívicos e éticos (solidariedade e empatia), visando a formação integral do aluno e a sua preparação para a vida.

Tabela 12 - Eixo I. Protagonismo e Desenvolvimento Integral

Resposta Original do Professor	Palavras-Chave Codificadas (Foco em Protagonismo, Competências e Valores)
<i>Solidariedade animal</i>	Solidariedade (Valor)
<i>Desenvolvimento de competências socio emocionais; Fortalecimento do pensamento crítico e reflexivo;</i>	Competências socio emocionais, Pensamento crítico
<i>Criação do espírito de solidariedade e promoção da empatia pelo outro.</i>	Solidariedade, Empatia (Valores)
<i>Interação entre os elementos, entreatajuda, solidariedade.</i>	Solidariedade, Entreatajuda (Valores)
<i>A promoção da autonomia dos Jovens.</i>	Autonomia (Competência)
<i>Envolver os alunos com práticas não habituais; estimulação de valores como gratidão, empatia e compaixão.; desenvolvimento da criatividade e melhoria na resolução de problemas.</i>	Valores (gratidão, empatia), Criatividade, Resolução de problemas (Competências)
<i>Sensibilização dos alunos, ajuda aos mais necessitados, humanização, inclusão, participação na vida em sociedade.</i>	Sensibilização, Humanização, Inclusão (Valores)
<i>As questões da cidadania e da participação ativa na sociedade.</i>	Cidadania, Participação ativa (Competências Cívicas)
<i>Desenvolvimento de competências sociais e cívicas; integração entre a teoria e a prática; melhoria das competências interpessoais; conexão entre a comunidade; preparação para a vida profissional.</i>	Competências sociais e cívicas, Competências interpessoais, Preparação para a vida profissional
<i>Tornar os alunos mais conscientes e interventivos</i>	Conscientes, Interventivos (Protagonismo Cívico)
<i>Criar cidadãos melhores e mais ativos, promover valores nos alunos.</i>	Cidadãos melhores e mais ativos, Valores
<i>Desenvolvimento integral do aluno – Estimular competências cognitivas, sociais, emocionais e éticas, alinhadas com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.</i>	Desenvolvimento integral, Competências (cognitivas, sociais, emocionais, éticas), Alinhadas com o Perfil dos Alunos
<i>Competências adquiridas pelos alunos; conhecimento do território e consciencialização do papel que cada um tem de desempenhar.</i>	Competências adquiridas, Consciencialização
<i>Aumento da empatia e autoconfiança, aquisição de conhecimento pratico da comunidade real</i>	Empatia, Autoconfiança (Competências Socioemocionais)

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

- **Eixo II. Eficácia Pedagógica e Metodológica (SL)**

Foco na qualidade do ensino-aprendizagem: articulação e equilíbrio teoria-prática, equilíbrio aprendizagem-serviço, motivação e reflexão. Este eixo agrupa as respostas que reconhecem o SL como um método de ensino-aprendizagem eficaz, focado na ligação entre o conhecimento e a ação, e na motivação do aluno.

Tabela 13 - Eixo II. Eficácia Pedagógica e Metodológica (SL)

Resposta Original do Professor	Palavras-Chave Codificadas (Foco em Protagonismo, Competências e Valores)
<i>Desenvolvimento de competências sociais e cívicas; integração entre a teoria e a prática; melhoria das competências interpessoais;</i>	Integração entre a teoria e a prática

<i>conexão entre a comunidade; preparação para a vida profissional.</i>	
<i>A ligação entre aprendizagem e impacto real aumenta a motivação dos alunos; Estimula a reflexão sobre a própria aprendizagem e experiência, ajudando os estudantes a tornarem-se mais autoconscientes e autónomos.</i>	Ligação entre aprendizagem e impacto real, Aumenta a motivação, Estimula a reflexão, Tornarem-se mais autoconscientes
<i>Articulação entre aprendizagem e ação social – Os alunos aprendem fazendo, aplicando conteúdos curriculares em contextos reais de solidariedade e cidadania.</i>	Articulação entre aprendizagem e ação social, Aplicando conteúdos curriculares
<i>Motivação e envolvimento – Os alunos sentem-se parte de algo significativo, o que aumenta a participação e o interesse pelas aprendizagens.</i>	Motivação e envolvimento, Aumenta a participação
<i>Competências adquiridas pelos alunos; conhecimento do território e consciencialização do papel que cada um tem de desempenhar.</i>	Conhecimento prático do território

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

- **Eixo III. Transformação Comunitária e Inclusão**

Foco no impacto externo e sistémico: ligação escola-comunidade, parcerias, transformação social e voluntariado inclusivo. Este eixo agrupa as respostas que salientam o impacto externo (na comunidade), a articulação de parcerias e a promoção de valores de humanização e inclusão.

Tabela 14 - Eixo III. Transformação Comunitária e Inclusão

Resposta Original do Professor	Palavras-Chave Codificadas (Foco em Protagonismo, Competências e Valores)
<i>Impacto positivo na comunidade</i>	Impacto positivo na comunidade
<i>A sensibilização para as necessidades ou problemas em questão.</i>	Sensibilização (Comunidade)
<i>A colaboração dos pais com o projeto</i>	Colaboração dos pais (Parceria)
<i>Sensibilização dos alunos, ajuda aos mais necessitados, humanização, inclusão, participação na vida em sociedade.</i>	Humanização, Inclusão, Participação na vida em sociedade
<i>Poder envolver mais a comunidade e a escola, em parceria, levando os alunos a adquirirem conhecimentos e competências que os levarão a ser cidadãos mais conscientes e interventivos na sua ação diária.</i>	Envolver mais a comunidade e a escola, Em parceria
<i>- Ligação escola-comunidade – Fortalecem redes locais e promove corresponsabilidade entre instituições, professores, alunos e organizações sociais.</i>	Ligação escola-comunidade, Fortalecem redes locais, Corresponsabilidade
<i>- Transformação social – As ações desenvolvidas produzem impacto visível na comunidade e reforçam o sentido de pertença.</i>	Transformação social, Impacto visível na comunidade

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

As Tabelas 12,13 e 14 apresentam a ligação entre as respostas originais dos inquiridos e as palavras-chave codificadas que serviram de fundamento à criação das categorias analíticas de impacto.

Este processo analítico consolidou os impactos mais citados pelos professores, alinhando a sua perceção com a teoria do *Service Learning* (SL) e os documentos estratégicos nacionais que se apresentam na Tabela 15:

Tabela 15-Agrupamento Estratégico dos Pontos Fortes do SL

Categoria Analítica de Impacto	Foco Estratégico e Justificação Teórica (Meta-Análise)	Exemplos Chave nas Respostas (Análise de Conteúdo)	Contagem (Aprox.)
I. Protagonismo e Desenvolvimento Integral	<i>Foco na transição de "espectadores a atores" (Protagonismo Estudantil) e no desenvolvimento de competências-chave (cognitivas, socio emocionais, para a vida). Este foco está alinhado com o Perfil dos Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória (República Portuguesa, 2017) e na visão da solidariedade como futuro da educação (May & Tapia, 2024). Inclui a preparação para a vida profissional (OECD, 2015).</i>	<i>"Desenvolvimento de competências socio emocionais," "Autonomia dos Jovens," "pensamento crítico e reflexivo," "preparação para a vida profissional," "Criação de cidadãos melhores," "promoção de valores."</i>	14
II. Eficácia Pedagógica e Metodológica (SL)	<i>Reconhecimento do SL como um método de ensino-aprendizagem eficaz que usa a articulação entre a teoria e a prática e promove a reflexão (Tapia, 2019) e motivação (Koslowsky et al., 2023). Demonstra que o professor alinha a aprendizagem com a aplicação prática.</i>	<i>"Articulação entre aprendizagem e ação social," "Ligação entre aprendizagem e impacto real," "Integração entre a teoria e a prática," "Aumento da motivação dos alunos," "Estimula a reflexão."</i>	7
III. Transformação Comunitária e Inclusão	<i>Foco na capacidade do SL em promover a proximidade escola-comunidade e gerar impacto positivo visível (Transformação Social). Reforça a participação ativa e a co-responsabilidade (ENEC; Martins et al., 2022). Inclui a humanização e a inclusão como vetores de impacto social.</i>	<i>"Ligação escola-comunidade," "Colaboração dos pais com o projeto," "Interação, entreajuda, solidariedade," "Transformação social," "humanização, inclusão."</i>	7

Fonte: Elaboração própria, meta-análise dos dados do questionário a professores com teoria SL

Os resultados da análise qualitativa das respostas docentes indicam que a filosofia subjacente ao *Service Learning* (SL) está profundamente enraizada nas práticas da região do Alentejo Central, ainda que o termo técnico não seja formalmente conhecido pela maioria dos inquiridos como vimos na Tabela 7 - Status dos Professores em Relação ao Service-Learning.

5.3. A Visão dos Professores Alinhada com o SL

Concluimos com a análise que há uma forte correlação entre as práticas descritas pelos professores e os princípios nucleares do SL (Tabela 15), e sugere que há convergência de princípios e valores, uma vez que a visão dos professores sobre os impactos positivos, está alinhada com princípios do SL. Os professores alinham a aprendizagem com a **aplicação prática** e a promoção do **protagonismo estudantil** (Eixo I). Respostas como "Desenvolvimento de competências socio emocionais," "pensamento crítico e reflexivo" e "**Autonomia** dos Jovens" espelham diretamente

as exigências do **Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória** (República Portuguesa, 2017) e o foco nas Competências-Chave.

5.4. O SL como Multiplicador de Inclusão e do Voluntariado Inclusivo

A menção à "humanização, **inclusão** e participação na vida em sociedade" (Eixo III) estabelece a ligação crucial entre SL e **Voluntariado Inclusivo**, cumprindo um dos requisitos centrais do relatório. O SL funciona como uma **porta de entrada para o Voluntariado Inclusivo**, especialmente porque permite: 1) a solidariedade horizontal; 2) a participação em funções adaptadas às capacidades de cada aluno; e 3) a valorização da experiência como aprendizagem formal, conforme a literatura (Tapia M. N., 2019). O SL e o Voluntariado Inclusivo, quando combinados, **multiplicam os impactos**, reforçam a participação de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e enriquecem as respostas da comunidade.

5.5. Agrupamento estratégico dos pontos fracos do SL (impacto negativo)

A análise da questão aberta "E quais são os pontos fracos?" teve como propósito classificar a perceção das **limitações e das dificuldades** inerentes à prática, identificando os **obstáculos e as barreiras** que afetam a **sustentabilidade e a expansão** da metodologia (ou seja, as **necessidades** de implementação) na perspetiva dos docentes.

Utilizamos a mesma **metodologia de Análise de Conteúdo Qualitativa** aplicada aos Pontos Fracos do SL (Tabela 15). Este processo analítico levou à organização das respostas em **três categorias principais** (Eixos de Análise), cuja codificação é demonstrada na Tabela 16 - Detalhe das Respostas (Pontos Fracos): Matriz de Codificação dos Eixos I, II e III que serve de validação à **Tabela 17**.

Tabela 16 - Detalhe das Respostas (Pontos Fracos): Matriz de Codificação dos Eixos I, II e III

Resposta Original do Professor	Eixo I (Tempo/Currículo)	Eixo II (Reconhecimento/Apoio)	Eixo III (Operacional/Parceria)
<i>Poucas iniciativas para ajudar animais nas escolas</i>			Poucas iniciativas
<i>Formação e envolvimento docente; Dificuldade de integração curricular;</i>	Dificuldade de integração curricular	Formação (falta de preparação)	
<i>Dificuldade no envolvimento permanente dos alunos.</i>			Envolvimento permanente dos alunos
<i>A não continuidade por parte das famílias.</i>			Não continuidade/famílias
<i>A dificuldade de aumentar a</i>			Participação comunidade

<i>participação a mais elementos da comunidade</i>			
<i>Falta de tempo</i>	Falta de tempo		
<i>A falta de reconhecimento deste trabalho com os alunos, o qual em 80% só é possível em horário extraordinário, não remunerado, para os docentes.</i>	Horário extraordinário/não remunerado	Falta de reconhecimento	
<i>Falta de um reconhecimento ativo da importância do projeto, por parte da liderança e lideranças intermédias, de muitos colegas, alunos e encarregados de educação.</i>		Reconhecimento ativo/Liderança	
<i>Falta de tempo para estes projetos serem trabalhados com mais serenidade, transversalidade.</i>	Falta de tempo/Transversalidade		
<i>Não conheço.</i>			
<i>O n.º de envolvidos fica aquém do desejável</i>			N.º de envolvidos
<i>Alguns alunos encontram que não lhes traz vantagens para o seu dia-a-dia. Falta de preparação dos docentes e o encontram que suspendem muito tempo. A integração curricular limitada. Avaliação complexa.</i>	Suspendem muito tempo/Integração curricular limitada	Falta de preparação dos docentes/Avaliação complexa	
<i>Não tenho muita experiência</i>			
<i>Nem sempre é fácil arranjar tempo e organizar todos os aspetos necessários para operacionalizar</i>	Tempo/Organizar		Organizar/ Operacionalizar
<i>A conjugação de disponibilidades dos parceiros e as deslocações que é necessário efetuar.</i>			Conjugação parceiros/Deslocações
<i>Exige que os alunos sejam</i>	Gerir o tempo		

<i>autodisciplinados para gerir o tempo de forma eficaz e não deixar os trabalhos acumularem-se.</i>			
<i>Falta de tempo para desenvolvimento dos projetos.</i>	Falta de tempo		
<i>Enorme envolvimento docente e institucional – O sucesso depende do enorme compromisso e tempo de professores (pro bono) e, claro, dos parceiros.</i>	Envolvimento/tempo pro bono	Envolvimento institucional	
<i>Dificuldade de articulação curricular – Nem sempre é fácil integrar, por exemplo, o voluntariado nos objetivos formais das disciplinas.</i>	Dificuldade de articulação curricular		
<i>Carga temporal elevada – Estes projetos exigem tempo e envolvimento muito significativos, o que dificulta a gestão do currículo e a preparação dos alunos para os exames nacionais.</i>	Carga temporal elevada		
<i>Continuidade – Manter a motivação e assegurar continuidade dos projetos exige um esforço hercúleo.</i>			Continuidade
<i>Avaliação do impacto – É difícil medir de forma objetiva os resultados sociais e educativos de todas as ações desenvolvidas, nomeadamente no âmbito do programa de mentorias.</i>		Avaliação do impacto (complexa)	
<i>Algumas dificuldades operacionalização, obtenção meios ou acompanhamento devido.</i>			Operacionalização/Meios /Acompanhamento

Meios técnicos e ferramentas de qualidade			Meios técnicos
Pouca abertura de algumas instituições a acolher alunos/jovens voluntários; integração no currículo e na avaliação de uma determinada disciplina.	Integração no currículo		Pouca abertura instituições

Fonte: Elaboração própria, meta-análise dos dados do questionário a professores com teoria SL

Este processo analítico consolidou os **desafios e as limitações** identificadas nas respostas dos professores, ligando os obstáculos à teoria do *Service Learning* (SL) e **apresentando as áreas críticas do diagnóstico**, conforme se demonstra na **Tabela 17**:

Tabela 17-Agrupamento Estratégico dos Pontos Fracos do SL

Categoria Analítica de Impacto	Foco Estratégico e Justificação Teórica (Meta-Análise)	Exemplos Chave nas Respostas (Análise de Conteúdo)	Contagem (Aprox.)
I. Enquadramento Temporal e Curricular	Obstáculos ligados à gestão do tempo docente e discente (sobrecarga) e à integração curricular. Esta constatação evidencia a necessidade urgente de os professores terem ferramentas que apoiem a colocação em prática da flexibilização curricular, promovendo o equilíbrio entre serviço e aprendizagem em conformidade com o conteúdo da disciplina e objetivos curriculares (através da integração mútua dos objetivos de aprendizagem e de serviço), e de um modelo de integração e reconhecimento formal que incorpore o desenvolvimento do SL na carga horária letiva e não letiva regular do docente e dos alunos, eliminando a sua classificação como tempo extracurricular e doação pro bono dos professores.	"Falta de tempo," "Horário extraordinário, não remunerado," "Carga temporal elevada," "Integração curricular limitada," "Dificuldade de integração curricular."	13
II. Apoio e Reconhecimento Institucional	A falta de reconhecimento ativo do trabalho desenvolvido pela liderança e pelos parceiros, nomeadamente a partilha com a comunidade dos resultados e do impacto nos alunos, nas organizações e nos beneficiários (lógica WIN-WIN), aliada à perceção de que a avaliação pelos docentes é complexa e difícil de justificar perante os pais, gera um vazio de validação interna e externa, ainda que os professores tenham apresentado excelentes exemplos. Estes fatores comprometem o	"Falta de reconhecimento deste trabalho," "Falta de um reconhecimento ativo... por parte da liderança," "Falta de preparação dos docentes,"	7

	<p>crescimento do Service-Learning (SL), reduzem a motivação para a sua implementação e colocam em causa a sustentabilidade dos projetos, dificultando a sua continuidade regular. Tal realidade evidencia a necessidade de criar modelos formais de implementação do SL ao nível do agrupamento e da escola, que permitam também validar competências para além da avaliação na disciplina de cidadania e sejam transversais a várias disciplinas. Para isso, é essencial um modelo de apoio que envolva toda a comunidade educativa (liderança, conselho geral, conselho pedagógico, professores, pais e entidades parceiras).</p>	<p>"Avaliação complexa."</p>	
<p>III. Desafios Operacionais e de Parceria</p>	<p>Os problemas práticos na execução e logística dos projetos — incluindo o reduzido envolvimento permanente dos alunos (o que sugere a prevalência do voluntariado pontual sobre o SL), a fraca adesão da comunidade e a dificuldade na continuidade do trabalho com as famílias — comprometem a escala e a sustentabilidade dos projetos. Os obstáculos logísticos (organização, deslocações, meios e acompanhamento) e a pouca abertura das instituições para receberem os alunos evidenciam a fragilidade das parcerias existentes. Esta realidade demonstra a necessidade crítica de criar estruturas de coordenação regional e redes coesas de parceiros que forneçam o suporte logístico e metodológico necessário para garantir a continuidade, o alargamento do número de envolvidos e a coerência do serviço oferecido, permitindo assim a transição efetiva do voluntariado para o modelo de Service Learning.</p>	<p>"Dificuldade no envolvimento permanente dos alunos," "Não continuidade por parte das famílias," "Continuidade," "Pouca abertura de algumas instituições," "Conjugação de disponibilidades dos parceiros."</p>	<p>10</p>

Fonte: Elaboração própria, meta-análise dos dados do questionário a professores com teoria SL

Os resultados obtidos permitem concluir que a Aprendizagem-Serviço (AS) deve ser implementada de forma transversal a um conjunto de aprendizagens e disciplinas, em conformidade com as orientações de Tapia e com a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC) ((DGE), 2025) (DGE, 2017). Esta abordagem integrada é essencial para garantir que os projetos não se limitem a ações isoladas, esporádicas e pontuais, mas que se constituam como parte estruturante do currículo, promovendo aprendizagens significativas e articuladas.

Atualmente, verifica-se que apenas um número reduzido de professores (12) empreende e investe no desenvolvimento de projetos de AS de forma individual, o que contribui para a fragmentação das iniciativas e para a sua predominância no âmbito extracurricular. Esta realidade confirma os desafios apontados pelos docentes, nomeadamente a falta de articulação curricular e a ausência de estratégias de avaliação integradas.

Para que ocorra uma mudança efetiva, é necessário que a escola assuma a decisão de implementar a AS de forma transversal, garantindo a promoção de um conjunto integrado de aprendizagens nos alunos. Além disso, a avaliação das competências desenvolvidas deve ser considerada como um todo, recorrendo às ferramentas já indicadas pelos professores, de modo a valorizar não apenas os conteúdos académicos, mas também as dimensões sociais, cívicas e éticas que caracterizam esta metodologia (European Commission, 2020; CLAYSS, 2019; Felgueiras, Simão & Oliveira, 2017).

A adoção desta estratégia permitirá alinhar a prática pedagógica com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e com os princípios definidos no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, promovendo competências como pensamento crítico, responsabilidade social e participação democrática (DGE, 2017; ONU, 2015).

5.6. Conclusões sobre Áreas de Atuação e Potencial de Transformação (Impacto)

O diagnóstico realizado na região do Alentejo Central evidencia que a qualidade e o impacto das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes podem ser potenciados através de uma estrutura de apoio formal e sistémica. É fundamental evoluir de uma atuação isolada, baseada em iniciativas individuais, para uma ação educativa integrada no projeto educativo da escola, sustentada pelos órgãos estratégicos — do conselho geral ao conselho diretivo. Esta mudança é indispensável à sustentabilidade e expansão do Service-Learning e do Voluntariado Inclusivo, transformando o potencial individual num ecossistema de suporte institucional que garante, de forma sistémica, a integração curricular, o reconhecimento e a operacionalidade das práticas de SL e Voluntariado Inclusivo nas escolas e agrupamentos.

Por um lado, a análise dos Pontos Fortes (Tabela 15) confirma que o elevado potencial de impacto já se encontra materializado em projetos valiosos nas escolas. As práticas apresentadas demonstram que a visão dos docentes que as implementaram está profundamente alinhada com os princípios fundamentais do Service-Learning (SL), potenciando o Voluntariado Inclusivo no território. O desenvolvimento de projetos de SL e de voluntariado a partir das escolas e com a comunidade afirma-se como um motor poderoso para a cidadania ativa dos alunos e para a dinamização comunitária, gerando um impacto social significativo.

Por outro lado, a expansão e a continuidade, do SL enfrentam desafios de estruturação (Tabela 17) que exigem uma resposta coordenada, articulada em três Eixos Estratégicos de Urgência:

- **Enquadramento Temporal e Curricular (Eixo I):** O desafio reside em criar condições para que a metodologia seja integrada e reconhecida, libertando a prática do esforço individual (pro bono) dos professores. É necessário assumir modelos de integração curricular e de reconhecimento formal da carga horária SL que insiram estas práticas na rotina escolar regular.
- **Apoio e Reconhecimento Institucional (Eixo II):** É essencial implementar um modelo formal de validação de competências que certifique o valor do SL no currículo do aluno, fortalecendo a credibilidade institucional e estendendo-se à certificação do voluntariado, dentro e fora da escola. É crucial envolver ativamente a liderança e os parceiros para reforçar a motivação e a justificação da prática perante a comunidade.
- **Desafios Operacionais e de Parceria (Eixo III):** A fragilidade das redes e a falta de suporte logístico e metodológico regional pedem a criação de um ecossistema de apoio que garanta a transição das iniciativas pontuais para projetos contínuos e sustentáveis. É urgente investir em suporte local e na criação de redes de parceiros para mitigar o risco de descontinuidade e garantir a operacionalidade quer dos projetos de SL quer do Voluntariado.

O objetivo é transformar este saber-fazer e ação em soluções de impacto escalável e contínuo para a região. As práticas de SL referenciadas pelos professores concentram-se em áreas de alto impacto social, nomeadamente Cidadania Ativa (88,4%), Sustentabilidade Ambiental (62,8%) e Inclusão Social (60,5%). Estas práticas estão alinhadas com os princípios do SL, promovendo eficazmente a cidadania ativa, a Eficácia Pedagógica (ligação teoria-prática) e a Transformação Comunitária.

6. Recomendações para promover o Voluntariado Inclusivo através da integração do Service-Learning e da Educação Cívica, com o envolvimento ativo da comunidade docente

6.1. Propostas e sugestões da comunidade docente

Este capítulo reúne as propostas e sugestões apresentadas pela comunidade docente do Alentejo Central, constituindo a base para a criação de um Plano Regional de intervenção. As recomendações estão organizadas de acordo com as questões colocadas aos professores (valorização do papel do professor promotor de *Service-Learning*; suporte da escola à promoção de práticas mais inclusivas de SL e Voluntariado; medidas para um Plano Regional para o Alentejo Central sobre SL e Voluntariado; opinião sobre como a Fundação Eugénio de Almeida pode implementar o plano junto das organizações sociais e das escolas; e outras informações).

As propostas são sustentadas por evidências originais fornecidas pelos docentes, garantindo que o plano é construído com base nas necessidades e perspetivas de quem atua no terreno.

6.2. Recomendações para a Valorização dos professores promotores de Service-Learning e de Voluntariado nas escolas

Síntese das sugestões para diminuir a exigência temporal e aumentar o reconhecimento do professor, alinhadas com as dimensões de Reconhecimento, Apoio e Tempo.

A **Tabela 18-Formalização da Carga Horária e da Função** apresenta as propostas dos docentes para integrar o Service-Learning (SL) e o Voluntariado na carreira e na carga horária, combatendo a sobrecarga de trabalho pro bono.

Tabela 18 - Formalização da Carga Horária e da Função

Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
Integração na Carga Horária: O trabalho de planeamento e acompanhamento deve ser contabilizado formalmente no horário, com atribuição de crédito horário oficial.	"Dedicar mais horas para esta área." / "Organizar o serviço semanal em função do SL" / "Dar mais tempo para o desenvolvimento desses projetos".
Valorização na Carreira: Incluir o SL como critério de mérito profissional na avaliação de desempenho e progressão na carreira.	"Certificados, também, de participação, avaliação do docente." / "Talvez pudesse pensar mecanismos de maior reconhecimento interno (por exemplo, menções em relatórios de desempenho ou valorização na progressão de carreira), reforçando a motivação e o estatuto do professor enquanto

Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
	agente de inovação educativa e cidadania ativa." / "Incluir o SL como critério de mérito profissional em processos de avaliação e progressão."
Desenvolvimento Profissional: Assegurar que a formação em SL/Voluntariado seja acreditada por um Centro de Formação de Professores (CCPFC), concedendo créditos para a progressão.	"Apoiar e formar os professores" / "Proporcionar formação contínua e apoio pedagógico" / "Talvez pudesse ser averiguada a possibilidade de acreditação desta prática como formação contínua de docentes, integrada no sistema nacional de formação (Conselho Científico Pedagógico da Formação Contínua). Penso que conceção, implementação e avaliação de projetos de "Service Learning" envolvem competências de planificação curricular, gestão de projetos, supervisão pedagógica e avaliação formativa — todas enquadráveis em áreas de formação contínua."
Figuras de Coordenação: Criar as figuras do Professor Coordenador de SL e Professor Coordenador de Voluntariado nos agrupamentos.	"Criação de equipa." / "Criar um espaço ou estrutura de coordenação interna" / "O professor assume de guia e orientador."

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

6.3. Recomendações Relacionadas com a Validação e Certificação de Competências do Aluno

Esta secção sintetiza as sugestões sobre a necessidade de formalizar e certificar as aprendizagens decorrentes do Service-Learning e do Voluntariado, alinhadas com as dimensões de **Certificação e Credibilidade**.

A **Tabela 19 – Validação e Certificação de Competências do Aluno** resume as propostas dos docentes para conferir credibilidade institucional às competências adquiridas pelos alunos através destas práticas.

Tabela 19 Validação e Certificação de Competências do Aluno

Certificação Oficial e Académica	
Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
Sistema de Certificação Oficial (Passaporte Regional): Criar um sistema de certificação reconhecido institucionalmente e padronizado. Propõe-se a criação do 'Passaporte Regional de Cidadania' ou 'Passaporte de Competências' como documento central.	"Criação de um sistema de certificação reconhecido institucionalmente" / "Desenvolver um modelo de certificação padronizado, validado por entidades educativas ou governamentais" / "Criação de um 'Passaporte Regional de Cidadania', com explicado na questão anterior".

Certificação Oficial e Académica	
Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
<p>Integração em Documentos Finais: A certificação deve constar no certificado de habilitações dos alunos e, idealmente, no Suplemento ao Diploma (Europass).</p>	<p>"Informação no certificado de habilitações" / "Registos no currículo das ações de voluntariado em que os alunos participarem" / "Emissão de certificados de participação".</p>
<p>Certificação Externa: Estabelecer ligação com programas nacionais ou europeus de reconhecimento de voluntariado, e expandir a metodologia com certificação DGERT.</p>	<p>"Estabelecer, por exemplo, ligação com programas nacionais ou europeus que reconhecem a experiência de voluntariado."</p>
Rigor Metodológico na Avaliação	
<p>Quadro de Competências Claro: Definir um quadro de competências claro para as <i>human skills</i> (ex: liderança, trabalho em equipa) para dar rigor à avaliação.</p>	<p>"Definir um quadro de competências claro e alinhado a referenciais oficiais" / "No certificado ficam inscritas as competências que professor, aluno e responsável pela organização consideram adquiridas."</p>
<p>Avaliação Estruturada e Reflexiva: Utilizar instrumentos consistentes, como relatórios reflexivos, portefólios de experiências e sessões de autoavaliação por parte do aluno.</p>	<p>"Adoção de métodos de avaliação estruturada e baseada em evidências" / "Relatórios reflexivos, portefólios de experiências" / "Ficha/texto de autoavaliação elaborada/o pelo aluno."</p>
<p>Ponderação Curricular: As competências adquiridas devem ser valorizadas na classificação da(s) disciplina(s) em causa (ex.: Cidadania e Desenvolvimento).</p>	<p>"As competências adquiridas devem ser valorizadas na classificação da(s) disciplina(s) em causa." / "Maior relação entre a disciplina de Cidadania e o Voluntariado." / "Projetos interdisciplinares, ligação a conteúdos escolares, avaliação das práticas no currículo dos alunos."</p>

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

6.4. Recomendações Relacionadas com a Promoção de Práticas Mais Inclusivas de SL e Voluntariado

Esta secção sintetiza as sugestões sobre o que a escola pode fazer para promover práticas de voluntariado mais inclusivas, alinhadas com a dimensão específica da **Inclusão e Cidadania**.

A **Tabela 20-Promoção de Práticas Mais Inclusivas e Estruturação de Redes** organiza as propostas dos professores para combater a fragilidade das redes e garantir a equidade e inclusão nas práticas de Service-Learning.

Tabela 20-Promoção de Práticas Mais Inclusivas e Estruturação de Redes

Cultura e Acessibilidade Inclusiva	
Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
Garantia de Acessibilidade e Inclusão: Integrar o Voluntariado no Projeto Educativo e Currículo para garantir igualdade de acesso a TODOS os alunos.	"Garantir igualdade de acesso; Formar professores e alunos para a inclusão; Integrar o voluntariado no currículo e na Educação para a Cidadania." / "Promover projetos que não só incluam TODOS mas projetos direcionados a diferentes destinatários".
Cultura Organizacional Inclusiva: Promover uma cultura que combata a exclusão, apoie a diversidade e garanta o suporte técnico necessário.	"Criação de uma cultura organizacional inclusiva, apoiar projetos que combatam a exclusão, a discriminação e as desigualdades sociais." / "Envolvimento dos EMAI".
Abordagem Direta à Comunidade: As práticas devem ir ao encontro das pessoas necessitadas, estabelecendo parcerias ativas com instituições.	"Ir ao encontro das pessoas necessitadas." / "Estabelecer parcerias com entidades que o permitissem".
Estruturação de Redes e Parcerias	
Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
Articulação Regional: Reforçar parcerias entre instituições locais (Instituições particulares de Solidariedade Social, ONG, estabelecimento de ensino Pré-Escolar, Saúde) e promover um trabalho colaborativo entre todas as entidades.	"Estabelecer parcerias com entidades que beneficiariam destas práticas (Lares de terceira idade, estabelecimentos de Ensino Pré-Escolar e de 1º Ciclo, Centro de Saúde, Hospitais)" / "Procurar mais parcerias entre as instituições locais." / "Melhorar a articulação com as outras entidades".

Cultura e Acessibilidade Inclusiva	
Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
Interdisciplinaridade e Visão da Escola: Incluir o Voluntariado na "visão" da escola para envolver toda a comunidade educativa.	"Trabalhar em equipa, apostar na divulgação do que é feito e do que se pretende fazer, incluir o voluntariado na 'visão' da escola para que todos se envolvam." / "Interdisciplinaridade".

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

6.5. Recomendações Relacionadas com a Governança e o Papel da Fundação Eugénio de Almeida (FEA)

Esta secção sintetiza as sugestões sobre as medidas para o Plano Regional e como a FEA deve implementar o plano junto das organizações e escolas, alinhadas com as dimensões de **Plano Regional e Sustentabilidade**.

A **Tabela 21 Governança e o Papel da Fundação Eugénio de Almeida (FEA)** apresenta as propostas dos professores sobre as medidas a incluir no Plano Regional e o papel da FEA na mediação e suporte à implementação.

Tabela 21 Governança e o Papel da Fundação Eugénio de Almeida (FEA)

O Papel da FEA (Mediação e Suporte)	
Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
Ponte entre Escola e Comunidade: A FEA deve assumir-se como mediadora, ligando escolas e organizações sociais e atuando como elo de ligação entre os projetos e as entidades.	"A Fundação Eugénio de Almeida pode, assim, assumir um papel de ponte entre educação e comunidade..." / "...ligando escolas e organizações sociais e atuando como elo de ligação entre os projetos e as entidades."
Recursos Humanos e Articulação: Ter uma pessoa dedicada ao projeto na FEA que faça a ligação com os coordenadores em cada agrupamento, com apoio de uma plataforma.	"Ter uma pessoa dedicada ao projeto na FEA que faça a ligação com os vários coordenadores em cada agrupamento." / "Criar uma plataforma de articulação territorial para identificar necessidades, mapear parceiros, partilhar boas práticas e gerir projetos de voluntariado."

O Papel da FEA (Mediação e Suporte)	
Medida Proposta (Recomendação)	Evidência Direta (Resposta Original dos Professores)
<p>Formação e Apoio Técnico: Organizar ações de formação contínua e apoio pedagógico para professores e técnicos e disponibilizar equipa técnica da FEA para acompanhar a implementação.</p>	<p>"Organizar ações de formação para professores e técnicos de organizações sociais sobre metodologias de Service Learning..." / "Apoio financeiro" / "Disponibilizar equipa técnica da FEA para acompanhar a implementação nas escolas."</p>
Medidas de Governança Regional	
<p>Selo de Qualidade Regional: Criar um Selo de Qualidade Regional para o SL/Voluntariado, atribuindo um certificado à escola, promovendo o <i>benchmarking</i> e a sistematização das boas práticas.</p>	<p>"Criar um selo de qualidade regional para essas instituições; fazer a articulação entre as instituições locais sociais e as escolas; criar um programa regional de apoio."</p>
<p>Monitorização e Enquadramento: Promover um enquadramento legal e a criação de um observatório regional para monitorizar e avaliar o impacto, articulando com apoios comunitários (UE).</p>	<p>"Haver um enquadramento legal, criar um observatório regional, formação contínua, criar um plano de comunicação, ter apoios comunitários -UE."</p>

Fonte: Elaboração própria, dados do questionário a professores

7. Boas Práticas de Service-Learning

7.1. O que é um boa prática de Service-Learning?

A literatura internacional apresenta um conjunto robusto de padrões de qualidade reconhecidos para a Aprendizagem-Serviço, nomeadamente os ***K-12 Service-Learning Standards for Quality Practice desenvolvidos pelo National Youth Leadership Council*** (NYLC, 2008).

Criámos por isso com base na literatura (Furco, 1996) (NYLC, 2008) (Tapia M. N., 2022; Tapia M. N., 2019), uma ***Framework de Implementação e Avaliação da Qualidade de Projetos de SL***, que se traduz na ***Grelha de Avaliação da Qualidade de Projetos de Aprendizagem-Serviço (Service Learning)*** criada com base em três princípios fundamentais:

1º Princípio — O Service Learning exige intencionalidade pedagógica

Autores como (Furco, 1996), (Janet Eyler and Dwight Giles, 1999) e (Tapia M. N., 2019) defendem que a qualidade em AS depende da integração equilibrada entre ação comunitária e aprendizagem académica. As cinco fases estruturam essa intencionalidade ao longo do processo.

2º Princípio — Os padrões de qualidade

Os oito padrões do *National Leadership Youth Council* (NYLC, 2008) definem o que caracteriza um bom projeto, de SL. Estes oito padrões – serviço significativo, ligação ao currículo, reflexão, diversidade, protagonismo dos estudantes, parcerias, monitorização e duração/intensidade – definem as condições essenciais para que um projeto possa ser classificado como Aprendizagem-Serviço (AS/SL) e distinguem esta metodologia de práticas como o voluntariado ou o estágio tradicional ou o serviço comunitário.

3º Princípio — A aprendizagem ocorre em ciclos

Inspirada em *Kolb* (Kolb, 1984) pela pedagogia experiencial e nos ciclos de SL do ***Centro Latinoamericano de Aprendizaje y Servicio Solidario*** (CLAYSS) a framework reconhece a necessidade de um ciclo contínuo de ação-reflexão-ação, culminando em comunicação pública e retorno à comunidade.

A bibliografia que suportou a criação da *framework* teve por base a escolha:

Fundamentos do Service-Learning

- Furco (1996) → equilíbrio entre serviço e aprendizagem
- Eyler & Giles (1999) → profundidade da reflexão e impacto educativo

Fundamentos da aprendizagem experiencial

- Kolb (1984) → ciclo experiencial (base epistemológica das fases)

Referencial ibero-americano para o SL

- Tapia / CLAYSS → guia metodológico e critérios de qualidade

Referencial internacional normativo para o SL

- NYLC (2008) → os 8 padrões de qualidade que integreste na grelha

Quando procurámos conhecer boas práticas para integrar os projetos apresentados nos padrões de qualidade reconhecidos para a Aprendizagem-Serviço, detetámos que embora existam padrões de qualidade amplamente validados para o Service Learning (NYLC, 2008), que a literatura oferece descrições de boas práticas, com uma frágil *framework* pedagógica integrada, que relacione as etapas operacionais de implementação com os padrões de qualidade previsto para um projeto.

Criámos assim uma *framework* pedagógica estruturada, que apresenta uma sequência clara de fases aplicáveis por qualquer professor ou escola. Para apoiar o desenvolvimento de projetos de excelência em SL, procurámos relacionar as fases do SL com os standards de qualidade, algo que a literatura internacional não oferece explicitamente. E clarificar que; os padrões dizem o “quê”, a *framework* explica o “como”, uma fragilidade reconhecida na implementação do SL. Por último construir uma ponte entre teoria (padrões) e prática (fases), o que permite:

- Planear projetos de forma mais orientada;
- Garantir qualidade desde o início;
- Avaliar coerentemente;
- Formar professores com mais clareza operacional.

Esta proposta, contribui para aproximar teoria e prática, oferecendo um instrumento operativo para conceber, monitorizar e avaliar projetos de Aprendizagem-Serviço, com qualidade. Neste contexto, apresenta-se uma proposta orientadora — organiza-da em cinco fases (Idear, Coordenar, Agir “Mãos na Massa”, Refletir e Stand UPS) — que constitui uma proposta metodológica, que procura **articular os padrões de qualidade com o processo pedagógico**, oferecendo uma estrutura clara e aplicável em contexto escolar.

A fase *Idear* centra-se na identificação participada de necessidades reais da comunidade e na definição dos objetivos curriculares. A fase *Coordenar* integra o planeamento colaborativo, a seleção de metodologias inovadoras e o contacto estruturado com parceiros comunitários. A fase *Agir - Mãos na Massa* traduz-se na implementação da ação, orientada pelo princípio do “*learn by doing*”. A *Reflexão* é transversal a todo o processo, assegurando a construção de significado. Por fim, a fase *Stand Ups* inclui a comunicação, celebração e devolução pública dos resultados.

7.2. Grelha de Avaliação da Qualidade de Projetos de Aprendizagem-Serviço e Apresentação de Práticas de Service-Learning

Foram de seguida analisadas de acordo com a framework proposta as práticas de SL, mencionadas pelos 13 professores que deram uma resposta clara de “Sim conheço” e de “Sim desenvolvo” e que podemos ver como classificadas de acordo com a **Grelha de Avaliação da Qualidade de Projetos de Aprendizagem-Serviço (Service Learning)**.

Esta grelha destina-se à avaliação e monitorização da qualidade de projetos de Aprendizagem-Serviço (Service Learning) desenvolvidos em contexto educativo, comunitário ou institucional. Baseia-se em referenciais internacionais reconhecidos — incluindo (Furco, 1996), (Janet Eyler and Dwight Giles, 1999), (Kolb, 1984), (Tapia M. N., 2019), — bem como nos K-12 Service-Learning Standards for Quality Practice (NYLC, 2008), que constituem os oito padrões de qualidade internacionalmente aceites.

Grelha de Avaliação da Qualidade de Projetos de Aprendizagem-Serviço (Service Learning):

1. Critérios e Indicadores de SL

Critério	Peso	Indicadores mínimos (Intermédio)	Indicadores avançados (Consolidado)	Nível de Cumprimento	Pontos ponderados
1. Serviço significativo	2	Identificação de necessidade social; Planeamento com parceiros	Serviço com impacto mensurável; relevância clara para comunidade	<input type="checkbox"/> Não cumpre <input type="checkbox"/> Parcialmente <input type="checkbox"/> Totalmente	
2. Ligação ao currículo	2	Aplicação de conteúdos das disciplinas; Consolidação de aprendizagens	Integração plena com currículo; desenvolvimento de competências complexas	<input type="checkbox"/> Não cumpre <input type="checkbox"/> Parcialmente <input type="checkbox"/> Totalmente	
3. Reflexão estruturada	2	Reflexão durante a ação; Reflexão final consolidando conhecimentos	Reflexão profunda e transformadora; ligação às competências cívicas	<input type="checkbox"/> Não cumpre <input type="checkbox"/> Parcialmente <input type="checkbox"/> Totalmente	
4. Diversidade, equidade e inclusão	1	Ação inclusiva; Análise crítica de preconceitos e atitudes	Participação plural; promoção ativa de justiça social e empatia	<input type="checkbox"/> Não cumpre <input type="checkbox"/> Parcialmente <input type="checkbox"/> Totalmente	
5. Protagonismo dos alunos	2	Lideram a ação; Comunicando resultados	Participação efetiva em todas as fases; decisões e execução compartilhadas	<input type="checkbox"/> Não cumpre <input type="checkbox"/> Parcialmente <input type="checkbox"/> Totalmente	
6. Parcerias colaborativas	2	Acompanhamento conjunto; Reflexão com parceiros	Parcerias coconstruídas e sustentáveis; impacto mútuo	<input type="checkbox"/> Não cumpre <input type="checkbox"/> Parcialmente <input type="checkbox"/> Totalmente	
7. Monitorização e avaliação contínua	2	Análise de resultados; Feedback para melhoria	Instrumentos variados; revisão contínua; registro de aprendizagens	<input type="checkbox"/> Não cumpre <input type="checkbox"/> Parcialmente <input type="checkbox"/> Totalmente	
8. Duração e intensidade adequadas	2	Ação contínua	Cronograma adequado; sessões suficientes; planeamento de continuidade	<input type="checkbox"/> Não cumpre <input type="checkbox"/> Parcialmente <input type="checkbox"/> Totalmente	

2. Pontuação

Pontos Totais	Nível do projeto	Significado
0–8	Incipiente	Projeto pontual, sem integração sistemática da aprendizagem
9–15	Intermédio	Projeto estruturado, cumpre os indicadores mínimos, com aprendizagem identificável e participação ativa
16–24	Consolidado	Projeto plenamente caracterizado como SL, com impacto mútuo, reflexão integrada e aprendizagem transformadora

7.3. Práticas apresentadas pelos professores e avaliação dos projetos de SL

A tabela seguinte apresenta as práticas descritas pelos docentes e a respetiva avaliação dos projetos segundo os oito critérios, apresentados acima, na grelha de Service Learning (SL):

Tabela 22 - Praticas apresentadas pelos professores e avaliação dos projetos de SL

Práticas	Avaliação	Critérios de Qualidade							
		C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8
Projeto									
A11 – Estágios de observação em infância	Incipiente	NC	NC	NC	NC	NC	P	NC	NC
A18 – Sensibilização para resíduos / ecopontos	Incipiente	NC	P	NC	NC	NC	P	NC	NC
A26 – Boneco de Estremoz + Biodiversidade	Incipiente	T	NC	NC	NC	P	P	NC	NC
A2 – Projetos de voluntariado em Cidadania	Incipiente	P	NC	NC	NC	NC	P	NC	NC
A41 – Projetos ligados ao Banco Alimentar	Incipiente	NC	NC	NC	T	P	T	NC	NC
A13 – Projetos FEA: Literacia Digital + Associação Animais	Intermédio	T	NC	NC	T	P	T	NC	P
A20 – Canil Municipal + ReFood	Intermédio	T	NC	NC	P	P	T	NC	P
A22 – Voluntariado nos lares + Banco Alimentar	Intermédio	T	NC	NC	T	P	T	NC	T
A37 – Recolha de alimentos + LPCC	Intermédio	T	T	NC	P	P	T	P	NC
A43 – Voluntariado nas Escolas FEA	Intermédio	P	NC	NC	NC	P	T	P	NC
A45 – Clube de voluntariado ESGP	Intermédio	T	NC	NC	P	P	P	NC	P
A48 – Voluntariado FEA + Mentorias	Intermédio	T	NC	NC	T	P	P	NC	T
A50 – Harmonia Sem Fronteiras	Consolidado	T	P	P	T	T	T	P	T

A análise das boas praticas permitiu-nos encontrar uma boa prática de Service Learning, o projeto Harmonia Sem Fronteiras.

O projeto Harmonia Sem Fronteiras é um projeto de voluntariado escolar desenvolvido por alunos do 12.º ano da Escola Secundária André de Gouveia, em Évora, no âmbito do programa “Voluntariado nas Escolas” da Fundação Eugénio de Almeida. A iniciativa promoveu inclusão social e multiculturalidade, combatendo a xenofobia através da arte e da sensibilização social.

O projeto integrou música original, performances teatrais e ações solidárias para apoiar pessoas vulneráveis, incluindo sem-abrigo e migrantes, em colaboração com instituições locais como a Associação Pão e Paz e o Projeto Invisibilidade. Reconhecido como vencedor da edição 2024/2025 do programa, destacou-se pelo protagonismo juvenil, parcerias sólidas e impacto real na comunidade.

Porque é que é um projeto de Service Learning consolidado?

Cumpram os indicadores avançados da grelha:

- Serviço significativo: Apoio direto a pessoas vulneráveis, angariação de fundos (700€), eventos com 300 participantes, música com mais de 1.300 visualizações e partilhas internacionais.
- Ligação ao currículo: Integrado na disciplina de Psicologia B e no curso profissional de intérprete/ator/atriz, desenvolvendo competências artísticas e sociais.
- Reflexão e monitorização: Apresentações públicas, interação com a comunidade, entrevistas em rádios e televisão, feedback positivo.
- Diversidade, equidade e inclusão: Atividades para promover respeito pela diferença e combater a xenofobia.
- Protagonismo dos alunos: Planeamento e execução das ações, gestão de comunicação e interação com público.
- Parcerias colaborativas: Fundação Eugénio de Almeida, Biblioteca Pública de Évora, Associação Pão e Paz, Projeto Invisibilidade e mais 17 parcerias.
- Duração e intensidade: Projeto desenvolvido ao longo do ano letivo, com várias fases e atividades complementares.

O projeto voluntariado nas Escolas da Fundação Eugénio de Almeida

O Projeto de Voluntariado nas Escolas surgiu com o propósito de promover a cidadania ativa entre os jovens e reforçar o seu papel enquanto agentes de mudança nas comunidades onde vivem. Implementado como projeto piloto no ano letivo de 2019/2020, para as escolas do concelho de Évora, abrangendo um total de 90 alunos.

A iniciativa teve como principal objetivo sensibilizar e capacitar os estudantes para os conceitos fundamentais do voluntariado, dando-lhes ferramentas para compreender o seu valor social e para desenvolverem projetos com impacto real. Paralelamente, procurou apoiar as escolas na implementação de programas e ações comunitárias, promovendo o sentido de responsabilidade social e o envolvimento em causas coletivas.

O projeto organizou-se num itinerário formativo composto por quatro etapas. A primeira fase, dedicada à sensibilização e capacitação, apresentou aos alunos conceitos essenciais, legislação aplicável, áreas de atuação e noções básicas de gestão de projetos de voluntariado. Seguiu-se uma fase de inspiração, na qual voluntários e organizações parceiras partilharam experiências, testemunhos e desafios, permitindo aos jovens conhecer a realidade do voluntariado de forma mais próxima e motivadora.

Na terceira etapa, os alunos foram convidados a identificar problemas existentes na sua comunidade e a desenhar soluções concretas. Com o apoio de voluntários

mentores, planejaram e executaram atividades, aplicando na prática os conhecimentos adquiridos. A quarta e última etapa consistiu na apresentação pública dos projetos desenvolvidos, momento de partilha de aprendizagens, resultados alcançados e reflexão sobre as dificuldades encontradas. Sempre que possível, foram ainda selecionados os projetos considerados mais inovadores ou impactantes.

metodologia utilizada baseou-se no princípio do *learn by doing*, valorizando o envolvimento ativo dos alunos em todas as fases. Esta abordagem mostrou ser altamente eficaz, contribuindo para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, como trabalho em equipa, identificação de problemas, criatividade, sentido crítico e autonomia. A avaliação da aprendizagem foi realizada através de um balanço de competências no início e no final da intervenção, permitindo observar evoluções significativas no conhecimento sobre voluntariado e na capacidade de ação dos jovens.

Os resultados do projeto foram muito positivos. Os alunos revelaram maior compreensão sobre a importância do voluntariado, maior motivação para participar em iniciativas comunitárias e uma forte sensação de utilidade e bem-estar decorrente das atividades realizadas. Os professores destacaram o elevado envolvimento dos jovens e a relevância da metodologia prática, que se tornou um fator diferenciador.

Em síntese, o Projeto de Voluntariado nas Escolas demonstra que, quando recebem oportunidades e apoio, os jovens são capazes de pensar criticamente, agir de forma responsável e contribuir para a melhoria das suas comunidades. Trata-se de uma iniciativa com forte potencial de expansão e impacto social, que valoriza a cidadania ativa e prepara as novas gerações para um futuro mais solidário e participativo.

Podemos resumir que o projeto de Voluntariado nas Escolas é impulsionador de projetos de Voluntariado nas Escolas, uma vez que desenvolve com os alunos e professores, uma metodologia de projeto que contempla:

- **Itinerário formativo** (sensibilização → inspiração → desenho → apresentação)
- **Learn by doing** e **protagonismo juvenil**
- **Parcerias locais e mentoria**
- **Avaliação de impacto a médio-longo prazo** (excelente para evidências de cidadania e desenvolvimento)

Quando este itinerário educativo integra critérios de qualidade como a **ligação ao currículo**, a integração curricular das atividades e a avaliação da aprendizagem, torna-se um forte promotor de projetos de **Serviço-Aprendizagem (SL)** robustos e capazes de incentivar o voluntariado na comunidade.

O **Projeto de Voluntariado nas Escolas**, tal como está descrito, é **promotor do voluntariado educativo**, não do Service-Learning (SL) completo.

O foco principal é **sensibilizar e capacitar para o voluntariado**, desenvolver atitudes de cidadania e envolver os alunos em ações comunitárias.

Apesar de haver planeamento em aula e reflexão, **não existe integração explícita com conteúdos curriculares nem avaliação do projeto como parte da disciplina** — dois critérios essenciais para SL.

Para que tal aconteça, é essencial que os alunos desenvolvam projetos articulados com as aprendizagens curriculares, que incluam **momentos de reflexão estruturada** e uma avaliação clara das competências e dos conteúdos trabalhados. Caso estes elementos não estejam presentes, mesmo que exista planeamento em contexto de aula, a iniciativa caracteriza-se apenas como voluntariado educativo, e não como um verdadeiro projeto de Serviço-Aprendizagem (SL).

7.4. Guia de Orientações para a Implementação do SL, nas Escolas

A Figura 1 demonstra como se operacionalizam os 8 padrões de qualidade, com as etapas enquadradoras das práticas de SL, permitindo compreender não só **o que caracteriza um projeto de qualidade**, mas também **como alcançar essa qualidade** ao longo do processo.

Apresenta-se de seguida, o Quadro 1 que relaciona cada etapa do SL com os 8 padrões de qualidade (NYLC, 2008).

Quadro 1 - Framework para a Implementação e Avaliação da Qualidade de Projetos de SL

Padrões de Qualidade (NYLC)	IDEAR	COORDENAR	AGIR “MÃOS NA MASSA”	REFLETIR	STAND UPS
1. Serviço significativo	✓ Identificação da necessidade real	✓ Planeamento com parceiros	✓ Implementação	✓ Análise de impacto	✓ Partilha do impacto
2. Ligação ao currículo	✓ Definição dos objetivos	✓ Metodologias inovadoras	✓ Aplicação dos conteúdos	✓ Consolidação da aprendizagem	✓ Demonstração das aprendizagens
3. Reflexão estruturada	✓ Expectativas iniciais, conhecimento inicial	✓ Registos e análise	✓ Reflexão durante a ação	✓ Reflexão profunda final, conhecimento final	✓ Reflexão pública
4. Diversidade e inclusão	✓ Envolver diversas perspetivas	✓ Colaboração alargada	✓ Ação inclusiva	✓ Análise crítica de preconceitos	✓ Narrativas múltiplas
5. Protagonismo dos alunos	✓ Alunos geram ideias	✓ Tomada de decisão	✓ Lideram a ação	✓ Avaliam e interpretam	✓ Comunicam resultados
6. Parcerias	✓ Diagnóstico conjunto	✓ Planeamento colaborativo	✓ Acompanhamento	✓ Reflexão conjunta	✓ Devolução às partes
7. Monitorização do progresso	—	✓ Definição de indicadores	✓ Recolha de evidências	✓ Análise e feedback	✓ Comunicação dos dados
8. Duração e intensidade	—	✓ Definição do cronograma	✓ Ação contínua	✓ Revisão periódica	✓ Fecho e reinício do ciclo

Fonte: Elaboração própria

A dificuldade de balizar o conceito, e a seleção das etapas a seguir para a implementação das melhores práticas, causa dificuldades na implementação, e é por isso um desafio à implementação e impacto positivo do SL na comunidade.

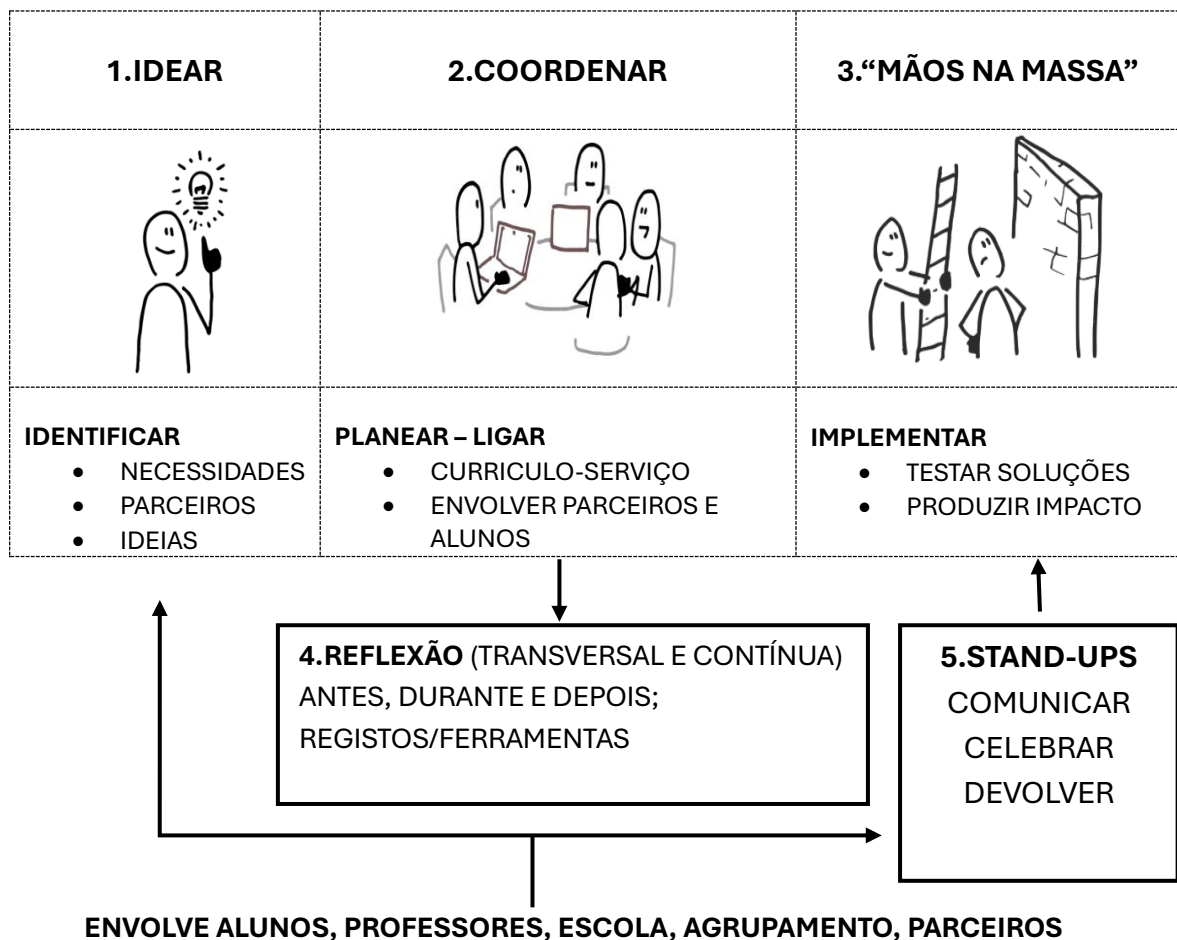
Esta lacuna de operacionalização, dificulta a tarefa dos professores e educadores, que frequentemente reconhecem os critérios de qualidade deste processo educativo, mas não dispõem de uma estrutura prática que os guie passo a passo na concretização da implementação das atividades de SL.

Assim torna-se relevante a criação de um **conjunto de recursos e uma abordagem metodológica** para melhorar a organização e o impacto das ações de SL, facilitando a gestão e a participação.

Propomos a operacionalização do SL, em 5 etapas, facilmente aplicáveis na escola:

- 1. IDEAR** - Diagnosticar necessidades, ligar ao currículo, gerar ideias, definir parceiros.
- 2. METODOLOGIAS INOVADORAS /COORDENAR** - Explorar conteúdos disciplinares de forma criativa; planear; aproximar parceiros e alunos.
- 3. MÃOS NA MASSA (learn by doing)** - Implementar a ação; testar soluções; produzir impacto.
- 4. REFLEXÃO (transversal e contínua)** - Antes, durante e depois; individual, coletiva, com parceiros; registos; análise crítica.
- 5. STAND UPS (celebrar e comunicar)** - Partilhas intermédias e finais; demonstração pública; devolução aos parceiros.

Figura 1- Framework para a Implementação e Avaliação da Qualidade de Projetos de SL



Fonte: Elaboração própria

8. Voluntariado em Contexto Escolar: Perceções, Barreiras e Potencialidades, pelos alunos

O voluntariado promovido junto dos alunos através das escolas assume-se como uma ferramenta estratégica de elevado potencial para o desenvolvimento integral dos jovens. Esta prática contribui para a aquisição de competências cívicas, sociais e pessoais que vão além do currículo académico tradicional, preparando os alunos para uma participação ativa e responsável na sociedade em conformidade com o Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória (República Portuguesa, 2017).

Compreender de forma rigorosa os fatores que influenciam a adesão e a experiência dos alunos em atividades de voluntariado é essencial para conceber programas mais eficazes e inclusivos no contexto escolar. A análise da participação estudantil nestas iniciativas constitui um elemento central para avaliar o impacto do voluntariado no desenvolvimento cívico e pessoal, permitindo identificar barreiras, perceções e oportunidades que orientem futuras estratégias educativas.

O objetivo do formulário foi avaliar a participação e a perceção dos alunos relativamente a atividades de voluntariado e serviço comunitário no contexto escolar, com o propósito de oferecer um diagnóstico claro a decisores do setor educativo, escolas e Organizações Não Governamentais (ONGs).

As questões abordaram aspetos como frequência de envolvimento, motivações para participar, competências desenvolvidas, impacto percebido na comunidade e integração das atividades em disciplinas ou projetos escolares. Os dados recolhidos evidenciam também as principais barreiras à participação, e incluem sugestões para melhorar a oferta e promover maior inclusão destas iniciativas no futuro.

Este relatório apresenta uma análise aprofundada das respostas a um questionário dirigido a 37 estudantes do ensino secundário e superior, com o objetivo de fornecer, um diagnóstico claro sobre as motivações que impulsionam a participação, as barreiras institucionais que a limitam e as oportunidades estratégicas para a sua otimização.

Ao **dar voz aos estudantes**, captamos uma perspetiva autêntica e pragmática sobre o estado atual do voluntariado em contexto escolar. Para contextualizar estes dados, começamos por delinear o perfil dos participantes que contribuíram para este estudo

8.1. Caracterização da Amostra

A amostra (N=37) é composta por dois grupos distintos de estudantes, permitindo uma visão abrangente que cobre diferentes fases do percurso educativo. Estes alunos participaram no *Encontro Construir Pontes – Conversas sobre PSSA*

intitulado “Do passado ao presente: olhares sobre o trabalho com pessoas em situação de sem-abrigo”, realizado a 22 de outubro de 2025, promovido pela Fundação Eugénio de Almeida, onde foi apresentado o projeto **VERA 2025 – Volunteering & Equality**, centrado na promoção do *Service-Learning* e do voluntariado inclusivo no Alentejo Central, através das escolas.

O primeiro grupo é constituído por alunos do ensino secundário, maioritariamente do 10.º, 11.º e 12.º anos, e de uma Escola Secundária de Évora. O segundo grupo é composto por estudantes do ensino superior, que frequentam licenciaturas e outros cursos de uma universidade do Alentejo Central, única, a Universidade de Évora. Esta dualidade na amostra enriquece a análise, capturando as perspetivas tanto de jovens em formação secundária como de adultos em formação universitária, proporcionando uma visão abrangente sobre as suas vivências.

As atividades de voluntariado ou projeto de serviço à comunidade reportadas pelos alunos (21 alunos, 57%) são diversificadas, refletindo um envolvimento em múltiplas frentes de ação comunitária. As experiências mais comuns incluem:

- **Recolha de Alimentos:** A participação em campanhas como o "Banco Alimentar" é uma das atividades mais frequentemente mencionadas, demonstrando um forte envolvimento em causas de combate à pobreza e insegurança alimentar.
- **Apoio a Crianças:** Ações como "Juntar brinquedos no Natal para crianças carenciadas" indicam uma preocupação com o bem-estar das populações mais jovens e vulneráveis da comunidade.
- **Ações Ambientais:** Projetos focados na "Limpeza de natureza" e na recolha de materiais para reciclagem (ex: "Recolha de recipientes para a refood") mostram uma crescente consciência ecológica. Esta última demonstra que os alunos estão a envolver-se não apenas em ações ambientais visíveis, mas também em iniciativas ligadas a questões sistémicas como o desperdício alimentar e a economia circular.
- **Outros Projetos Comunitários:** Os alunos referem ainda o envolvimento em iniciativas como a "doação de roupa", projetos de empreendedorismo social ("Empreendedorismo nas escolas") e programas culturais como "Brincar: Um património que nos une", além de colaborações com entidades como o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ).

Esta variedade de atividades ilustra um ecossistema de voluntariado dinâmico, que agora se aprofunda através da análise das motivações que impulsionam os alunos a participar.

8.2. Fatores de motivação para a participação dos alunos

A análise das respostas revela um conjunto claro de motivações. A ordem de prevalência destes fatores demonstra que, embora o desejo de contribuir para o bem comum seja o principal catalisador, a integração escolar desempenha um papel significativo.

1. **Ajudar outras pessoas:** A força motriz dominante, citada por 78% dos respondentes (29 de 37), indicando um forte sentido de altruísmo e empatia como principal motor.
2. **Aprender coisas novas:** A segunda motivação mais recorrente (62%, 23 de 37), o que evidencia que os alunos veem o voluntariado como uma oportunidade valiosa de desenvolvimento pessoal e aquisição de competências.
3. **Melhorar o ambiente / comunidade:** Um claro sentido de responsabilidade cívica, mencionado por 43% dos inquiridos (16 de 37).
4. **Trabalhar em grupo:** A valorização da colaboração e da interação social é uma razão importante para 38% dos alunos (14 de 37).
5. **Porque faz parte de uma disciplina ou projeto:** Fator crucial citado por 19% dos estudantes (7 de 37), demonstrando que a integração curricular funciona como um importante ponto de acesso e incentivo à participação.

Este quadro motivacional positivo é corroborado pelo sentimento geral manifestado pelos alunos durante a sua participação, com a esmagadora maioria a reportar sentir-se "Motivado(a)" ou "Muito motivado(a)". Estas fortes motivações traduzem-se, em resultados concretos no que diz respeito às competências adquiridas.

8.3. Sentimentos associados e perceção de Impacto pelos alunos

Os dados relativos à experiência de voluntariado são inequivocamente positivos. Quando questionados sobre como se sentem ao participar, as respostas (n=36) concentram-se, esmagadoramente, em "Motivado(a)" (17 alunos, 47%) alunos e "Muito motivado(a)", (19 alunos, 53%). Esta elevada motivação é complementada por uma forte perceção de eficácia; a grande maioria dos alunos que participaram (n=35) em atividades (mais de 95% dos que responderam) considera que a sua ação teve um impacto positivo na comunidade, respondendo "Sim, muito" (18 alunos, 51%) ou "Sim, algum" (17 alunos, 49%). Esta conjugação de sentimento positivo e perceção de impacto cria um círculo virtuoso que reforça o desejo de continuar a participar.

Esta experiência positiva e significativa traduz-se, de forma natural, no desenvolvimento concreto de competências.

8.4. Desenvolvimento de Competências Adquiridas e Ligação ao Contexto Escolar

O voluntariado afirma-se como um campo de aprendizagem prática onde os alunos desenvolvem competências transversais essenciais (Tapia M. N., 2019). O voluntariado funciona como uma poderosa ferramenta de aprendizagem experiencial, permitindo aos alunos desenvolverem aptidões, que são cruciais tanto para o seu futuro académico e profissional como para a sua formação enquanto cidadãos ativos. Avaliar as competências que os próprios alunos percebem ter desenvolvido é, por isso, essencial para medir o verdadeiro valor formativo destas experiências.

A análise de conteúdo das respostas abertas (n=28), sobre o que os alunos aprenderam revela um consenso claro em torno do desenvolvimento de competências sociais e cívicas. As mais mencionadas são:

- **Trabalho em Equipa:** Esta foi a competência mais citada, demonstrando que as atividades de voluntariado são um terreno fértil para a colaboração. É exemplificada por respostas como "aprendi a trabalhar melhor em equipa" e "trabalho em grupo e ajudar as pessoas". Esta é a competência mais reconhecida, refletindo a natureza colaborativa da maioria dos projetos.
- **Comunicação:** A capacidade de interagir eficazmente com os outros é frequentemente mencionada, ilustrada por exemplos como "Comunicação e desenvolvimento pessoal" e "A comunicar com as outras pessoas". A comunicação é uma valência fundamental em qualquer contexto social ou profissional.
- **Empatia e Competências Sociais:** O desenvolvimento de uma maior sensibilidade para com os outros e um sentido de dever comunitário é um resultado central, evidenciado em respostas como "Empatia, trabalhar em equipa, melhor comunicação" e "aprendi a sempre ajudar os outros". O voluntariado é visto como um veículo para desenvolver "empatia", aprender a "ajudar as pessoas" e a "conhecer pessoas", fortalecendo competências socioemocionais que são cada vez mais reconhecidas como críticas tanto para o sucesso académico como para a cidadania ativa.
- **Desenvolvimento Pessoal:** Os alunos reconhecem um crescimento na sua autonomia e sentido de dever, expresso em frases como "Responsabilidade" e "a ter mais responsabilidades". O voluntariado contribui para o "desenvolvimento pessoal" de uma forma mais ampla, promovendo a aquisição de novas competências e, crucialmente, a autodescoberta. Respostas como "Que nunca podemos desistir ao não sempre continuar" e

"Que gosto mais de fazer voluntariado doq pensava" revelam um impacto profundo na resiliência e na identidade pessoal.

8.5. Integração Curricular e Apoio Docente

A análise indica uma articulação frequente entre o voluntariado e o contexto escolar. Muitos alunos referem que as suas atividades estavam ligadas a disciplinas específicas, como *Cidadania* e *Desenvolvimento*, ou a projetos escolares. Esta integração curricular confere legitimidade e visibilidade às iniciativas, enquadrando-as como parte do processo de aprendizagem formal.

No que diz respeito ao apoio docente, a perceção é maioritariamente positiva. A maioria dos alunos afirmou que os professores ajudaram no planeamento ou acompanhamento das atividades: **“Sim” (26 alunos, 74,3%)** ou **“Parcialmente” (6 alunos, 17,1%)**, o que sugere a existência de um ecossistema de apoio. Este dado sublinha o papel fundamental dos professores como facilitadores e mentores do *Service Learning* (SL) e do voluntariado.

O papel da escola é determinante para promover, facilitar e sustentar uma cultura de voluntariado. A forma como as atividades são integradas no percurso académico, bem como o nível de apoio fornecido por professores e estruturas diretivas, pode ampliar significativamente o alcance e impacto destas práticas, tornando-as parte da vida quotidiana das escolas e da sociedade ((Martins, Jorge Cardoso, Fernandes, & Machado, 2022)).

8.6. Reconhecimento Formal e Sugestões dos Alunos para maior apoio

Institucional da Escola ao Voluntariado, por meio do SL e da Cidadania Ativa

O reconhecimento formal do envolvimento dos alunos revela-se pouco consistente. Questionados sobre se a escola valoriza estas iniciativas (através de certificados, menções, etc.), as respostas foram diversas: **“Sim” (25 alunos, 69%)**, **“Não” (4 alunos, 11%)** e **“Não sei” (7 alunos, 19%)**. Esta variabilidade indica falta de padronização nas políticas de reconhecimento e na comunicação institucional.

As respostas, dos alunos à questão “Sabes o que significa “Aprendizagem em Serviço” (Service Learning)?” reforçam a necessidade de tornar o conceito de **Aprendizagem em Serviço (Service Learning)** mais conhecido e integrado no contexto escolar. Apesar de muitos alunos participarem em atividades que se enquadram na definição de Aprendizagem em Serviço (integradas em disciplinas como "Cidadania e Desenvolvimento"), a familiaridade com o conceito é extremamente limitada, quase 70% dos alunos desconhece o conceito. Esta análise revela um significativo desfasamento entre a prática pedagógica e a sua comunicação formal. Cerca de 43% (15 de 35 inquiridos que responderam) selecionaram a opção "Já ouvi falar, mas não sei bem o que é" e cerca de 26% (9 de 35 inquiridos que responderam) selecionaram a opção “Não”.

A criação de um enquadramento formal normalizado que valorize as contribuições dos estudantes, no serviço à comunidade, por meio do SL e voluntariado, pode funcionar como incentivo à participação contínua, e ao reforço de uma cultura de solidariedade e participação ativa, mais sustentada.

Entre as propostas dos alunos para o apoio formal e valorização da participação dos alunos, destacam-se:

- **Mais comunicação e interesse das escolas nas iniciativas:** “Mais comunicação e interesse das escolas para estas iniciativas”, “Motivação das pessoas”;
- **Maior promoção (marketing criativo),** que haja “Maior promoção (marketing criativo)”.
- **Criação de uma cultura de serviço à comunidade,** com mais voluntários e pessoas dispostas a colaborar; “Mais voluntários e pessoas dispostas a ajudar”, “Haver mais pessoas para fazer essas atividades”.
- **Estabelecimento de parcerias com organizações locais,** incluindo ações de sensibilização e disponibilização de contactos: “Sensibilizar a comunidade” e “Disponibilidade e contactos”.
- **Criação de condições de tempo e espaço,** como redução da carga letiva para permitir atividades extracurriculares, “Menos tempo de aulas sobrando assim tempo para atividades e vontade de as organizar”.

8.7. Identificação das Principais barreiras à Participação, dos alunos

A identificação das barreiras que limitam ou impedem a participação dos alunos em atividades de voluntariado é um passo fundamental para a criação de programas mais acessíveis, equitativos e inclusivos. Os dados revelam que, apesar do elevado interesse e motivação, os estudantes enfrentam desafios sistémicos e práticos significativos.

A Tabela 23 apresenta a categorização dos principais desafios e analisa o seu impacto estratégico, hierarquizando-os da seguinte forma:

Tabela 23 - Categorização dos principais desafios à participação, inclusão e diversidade

Barreira Identificada	Análise e Relevância
Falta de tempo (70%)	Barreira Estrutural: O obstáculo mais citado, indicando um conflito direto entre as responsabilidades académicas e as atividades de voluntariado. Sinaliza a necessidade de maior flexibilidade e integração curricular.
Falta de transporte (38%)	Barreira Logística/Equidade: Um desafio prático que cria desigualdades de acesso, excluindo alunos com menor autonomia ou recursos económicos e tornando a participação um privilégio em vez de uma oportunidade universal.
Falta de interesse dos colegas (32%)	Barreira Cultural: A ausência de uma cultura de voluntariado robusta pode desmotivar a participação individual. A pressão social ou a falta de dinamismo e sentido de grupo para praticas comunitárias e de serviço que integram o voluntariado, emergem como um desincentivo significativo.
Falta de informação (30%)	Barreira de Comunicação: Uma falha crítica na divulgação das oportunidades. Alunos interessados não participam simplesmente porque não sabem como ou onde, o que representa a barreira mais facilmente solucionável.
Falta de apoio dos professores (8%)	Barreira Institucional: Embora menos frequente, a sua menção é estrategicamente vital. Contradiz a perceção maioritariamente positiva e revela inconsistências no apoio docente, indicando que a experiência de suporte não é garantida para todos. Impede o acesso universal, a um voluntariado devidamente orientado.

Fonte: Elaboração própria

Em resumo, a referência recorrente à **“falta de tempo”** indica que as oportunidades de voluntariado são percecionadas como atividades extracurriculares, em vez de componentes integrados na experiência educativa. Este é um desafio sistémico que não se resolve apenas com maior promoção, exigindo uma reavaliação da estrutura curricular e da gestão de horários pelas lideranças escolares.

A dificuldade em encontrar oportunidades e aceder a informação clara sobre projetos existentes surge como outro obstáculo relevante, revelando falhas nos canais de comunicação e divulgação. Acrescem as **dificuldades logísticas**, que constituem um impedimento prático para muitos estudantes, sobretudo os que dependem de transportes públicos.

Uma frágil **cultura de voluntariado** generalizada e a **pressão dos pares** são também desafios significativos, sugerindo que o envolvimento individual é mais difícil sem um forte apoio do grupo. Embora a perceção geral do apoio docente seja positiva, o facto de a sua ausência ainda ser citada como barreira por alguns alunos aponta para **inconsistências no apoio institucional**, que limitam o acesso universal a um voluntariado devidamente orientado.

8.8. Perceções sobre Inclusão e Reconhecimento, dos alunos

A análise aprofundada revela que os sistemas de apoio institucional são percebidos como inconsistentes e potencialmente inequitativos. Embora a maioria dos alunos (24 de 37) acredite que todos têm oportunidade de participar, uma minoria significativa (24%, ou 9 em 37) afirma que "**Só alguns**" têm essa oportunidade, o que aponta para barreiras de acesso não visíveis para todos. A inclusão de todos, também é questionada, com uma elevada percentagem a considerar que as atividades são apenas "**Parcialmente**" inclusivas (35%, ou 13 de 37). Finalmente, o reconhecimento institucional é marcadamente inconsistente: as respostas dividem-se entre "**Sim**", "**Não**" e "**Não sei**", diagnosticando a ausência de uma política clara e universal de valorização do empenho dos estudantes.

A análise destes desafios serve como base para a formulação de um conjunto de recomendações concretas e acionáveis, apresentadas na secção final deste relatório.

8.9. Síntese das Principais Conclusões

As orientações estratégicas que emergem da análise podem ser sintetizados nos seguintes pontos:

- **Motivação Híbrida como chave do sucesso:** Os alunos são movidos por uma combinação de altruísmo (ajudar) e desenvolvimento pessoal (aprender), mas a integração curricular ("parte de uma disciplina") funciona como um catalisador fundamental, provando que os programas mais eficazes alavancam tanto as motivações intrínsecas como as extrínsecas.
- **Desenvolvimento Comprovado de competências transversais:** O voluntariado é validado pelos estudantes como um laboratório prático para o desenvolvimento de competências essenciais para o futuro, como o trabalho em equipa, a comunicação, a empatia e a responsabilidade, reforçando o seu valor educativo.
- **Barreiras Institucionais superam a falta de interesse:** A não participação não se deve a apatia, mas a falhas sistémicas. Barreiras estruturais (falta de tempo), de comunicação (falta de informação), logísticas (transporte) e culturais (falta de interesse dos pares) constituem os principais impedimentos.
- **Desfasamento entre prática e pedagogia:** As instituições praticam elementos de Aprendizagem em Serviço, mas falham em comunicá-lo como tal. Este desfasamento representa uma oportunidade perdida para valorizar pedagogicamente as atividades, formalizar o reconhecimento e fortalecer o seu impacto educativo.

9. Recomendações para melhorar as práticas de validação e promover a participação, alunos

Com base na análise e nas sugestões propostas pelos próprios alunos, formulam-se as seguintes recomendações estratégicas, direcionadas a instituições de ensino e ONGs:

- **Estruturar a Comunicação e o Acesso à Informação:** Desenvolver um plano de comunicação centralizado e multicanal para divulgar as oportunidades de forma clara e apelativa. Conforme sugerido por um aluno, o uso de "marketing criativo" é essencial para garantir que a informação quebra o ruído e chega a todos os potenciais interessados, combatendo diretamente a barreira da "falta de informação".
- **Integrar, Flexibilizar e Garantir Equidade:** Aprofundar a integração curricular do voluntariado, legitimando o tempo investido através de projetos em disciplinas como "Cidadania e Desenvolvimento". Simultaneamente, é imperativo criar modelos flexíveis (ações curtas, voluntariado digital) e resolver barreiras logísticas como o transporte para honrar o apelo de um aluno por atividades que sejam "De serem todos os alunos e não alguns", transformando o acesso de um privilégio a um direito.
- **Formalizar o Reconhecimento e Valorizar Competências:** Implementar sistemas de reconhecimento formais e universais, tal como a "certificação" sugerida pelos estudantes. Este ato valida as competências adquiridas, enriquece o portefólio académico e profissional e envia uma mensagem institucional clara sobre o valor do compromisso cívico.
- **Capacitar e Formalizar a Prática Pedagógica:** Investir em ações de sensibilização para aumentar a "motivação dos jovens" e, crucialmente, capacitar o corpo docente sobre a metodologia de Aprendizagem em Serviço. Formalizar a prática existente sob esta designação permitirá alinhar intenção pedagógica, atividade e avaliação, maximizando o potencial de aprendizagem e resolvendo as inconsistências no apoio docente.

10. Relatório Analítico: Perspetivas das Organizações do Terceiro Sector sobre Service Learning no Alentejo Central

10.1. Perfil das Organizações Participantes

Apresentamos as perspetivas de um conjunto diversificado de organizações do Terceiro Setor sobre a prática de Voluntariado e Service no Alentejo Central.

A compreensão do perfil das entidades inquiridas é fundamental para contextualizar os resultados da análise e aferir a representatividade das perspetivas recolhidas. As respostas provêm de um espectro variado de 10 organizações que reflete a riqueza e diversidade do tecido social do Alentejo Central. Entre as participantes encontram-se associações humanitárias, universidades seniores e populares, associações juvenis, associações de desenvolvimento local, entidades de apoio a públicos específicos (como pessoas com deficiência ou com problemas de saúde mental), associações mutualistas, apoio alimentar e uma misericórdias. Geograficamente, as organizações estão sedeadas em vários concelhos da região, incluindo Évora, Estremoz, Arraiolos, Redondo e Montemor-o-Novo. Esta diversidade estende-se aos seus públicos-alvo, que abrangem desde idosos, jovens e a população em geral, a pessoas com deficiência, famílias carenciadas e empresas. Esta heterogeneidade implica que qualquer estratégia regional para o Service Learning deve ser flexível e adaptável, capaz de responder às distintas necessidades de organizações que vão desde universidades populares lideradas por voluntários a instituições de apoio social que contam com equipas profissionais.

A secção seguinte analisa o nível de envolvimento e familiaridade destas organizações com as práticas de Service Learning e de Voluntariado.

10.2. Panorama do Envolvimento com o Service Learning e Voluntariado

Avaliar o nível de familiaridade e aplicação prática do Service Learning e do Voluntariado por parte das organizações é um indicador-chave da maturidade do ecossistema local. A análise revela um cenário de contrastes: enquanto o voluntariado é uma prática consolidada e generalizada, o Service Learning apresenta um grau de implementação mais heterogéneo.

A grande maioria das organizações (90%, 9 de 10 organizações) inquiridas desenvolve ativamente projetos com voluntários, demonstrando uma cultura de participação cívica bem estabelecida. Uma das organizações não foi contemplada por se tratar de um município, e o questionário ser dirigido a organizações do terceiro setor.

A resposta relativa ao envolvimento com o Service-Learning é mais variada: algumas entidades já desenvolvem projetos (20%, 2 de 10 organizações), outras

possuem apenas conhecimento teórico (10%, 1 de 10 organizações) e um terceiro grupo não tem qualquer experiência (70%, 7 de 10 organizações).

As principais áreas de atuação identificadas nos projetos de voluntariado destas organizações são:

- **Apoio Social e a Idosos:** Inclui o apoio alimentar, apoio direto a idosos, famílias carenciadas, pessoas com deficiência e migrantes.
- **Educação e Formação:** Engloba atividades de formação, partilha de saberes e projetos intergeracionais.
- **Saúde e Bem-Estar:** Abrange iniciativas de promoção da saúde física e mental.
- **Cultura e Património:** Foca-se na valorização do património local e na dinamização de atividades culturais.

10.3. O Impacto Percebido do Service Learning como Ferramenta de Aprendizagem e Inclusão

A perceção que as organizações têm sobre o valor do Service Learning é um fator determinante para a sua motivação em adotar e aprofundar estas práticas. A visão é predominantemente positiva, com 8 das 10 organizações (80%) a classificarem o impacto de projetos de Service-Learning com escolas como "significativo" ou "muito grande" na promoção de aprendizagens formais e não formais. No entanto, esta visão não é universal. Uma organização (10%, 1 de 10 organizações) considera que as ações de SL têm "pouco impacto" e outra organização (10%, 1 de 10 organizações), que "tem impacto", o que introduz uma nota de ceticismo que deve ser considerada. Esta divergência sugere que o impacto percebido pode depender do tipo de missão da organização ou do seu nível de familiaridade com a metodologia.

10.4. Potencial de Inclusão Social

O potencial do Service Learning como motor de inclusão social é maioritariamente reconhecido, embora com algumas reservas. Quando questionadas sobre diferentes dimensões da inclusão, as organizações revelaram um panorama complexo:

1. **Criação de oportunidades para grupos desfavorecidos:** Enquanto a maioria concorda com este potencial, uma Misericórdia expressa uma posição neutra ("Nem concordo nem discordo"), e a uma associações de desenvolvimento, apresenta uma resposta ambígua ("Discordo, Concordo"), sinalizando que esta dimensão é ambígua.

2. **Valorização de competências adquiridas no voluntariado:** De forma semelhante, uma Misericórdia mantém-se neutra, indicando que a capacidade do Service Learning para valorizar competências não é uma convicção unânime.
3. **Integração entre currículo escolar e práticas comunitárias:** Nesta dimensão, verifica-se um forte e generalizado consenso sobre o papel positivo do Service Learning.
4. **Desenvolvimento de competências cívicas e sociais:** As organizações concordam amplamente que a metodologia é eficaz no fomento da cidadania ativa e de competências sociais.
5. **Promoção do trabalho colaborativo entre diferentes públicos:** Existe também um consenso robusto sobre a capacidade do Service Learning para estimular a cooperação entre diversos grupos.

Apesar deste valor percebido, maioritariamente elevado, a sua implementação e validação formal enfrentam ainda dificuldades e barreiras práticas.

10.5. Desafios Identificados, a melhoria da Validação Formal de Competências

Apesar do reconhecimento do valor do Service Learning, as organizações identificam desafios operacionais e estruturais que limitam o seu potencial. As principais dificuldades centram-se na validação formal das competências adquiridas pelos participantes e na valorização dos profissionais e das organizações que dinamizam estas práticas no terreno.

Atualmente, as organizações recorrem a um misto de mecanismos formais e informais para reconhecer as competências desenvolvidas. Entre os mais comuns encontram-se o reconhecimento interno (cartas de recomendação), a certificação formal de cursos, a utilização de portefólios ou diários de atividades e o recurso a instrumentos como o Suplemento ao Diploma ou o Europass.

Para fortalecer e uniformizar este processo, as organizações propõem um conjunto de melhorias estratégicas:

- **Utilização de frameworks europeus**, como o Quadro Europeu de Qualificações (EQF) ou o Youthpass, para conferir um reconhecimento mais amplo e estandardizado.
- **Implementação de instrumentos de avaliação estruturados e partilhados**, como fichas de autoavaliação, portefólios reflexivos e grelhas de observação, para documentar o progresso de forma sistemática.

- **Criação de uma certificação formal** emitida por uma entidade regulamentada, que confira credibilidade e valor curricular às competências adquiridas.
- **Maior envolvimento das associações locais** e dos seus públicos-alvo na definição e aplicação dos processos de validação.

10.6. Desafios Identificados, Propostas de Valorização dos Técnicos e das Organizações

A valorização dos profissionais que implementam o Service Learning e o voluntariado é considerada fundamental para o sucesso dos projetos. As organizações sugerem que esta valorização passa pelo **reconhecimento formal do seu papel como mediadores** entre a instituição, os participantes e a comunidade. Propõem também **a certificação do trabalho desenvolvido e a criação de parcerias estratégicas com outras entidades locais** para reforçar a sua legitimidade e impacto. A **medição de impacto**, através da monitorização sistemática de projetos e da recolha de dados, é vista como outra via essencial para **demonstrar o valor social do trabalho realizado**.

A superação destes desafios exige uma abordagem coordenada, que aponta para a necessidade de um plano estratégico regional.

10.7. Recomendações Estratégicas para um Plano Regional de Service Learning

Esta secção agrega as propostas concretas avançadas pelas organizações para a criação de um "Plano Regional para o Alentejo Central de Service Learning e Voluntariado". As sugestões transformam os desafios identificados em linhas de ação estratégicas, desenhando um roteiro para a consolidação de um ecossistema regional robusto e colaborativo. Os pilares deste plano, segundo as entidades inquiridas, devem ser os seguintes:

- **Criação de uma Rede Regional:** Desenvolver uma rede formal de parcerias que integre escolas, universidades, IPSS, autarquias e associações. O objetivo é facilitar a comunicação, a partilha de recursos e a identificação de parceiros para o desenvolvimento de projetos conjuntos.
- **Capacitação e Formação:** Implementar programas de formação específicos sobre a metodologia de Service Learning, dirigidos a técnicos, educadores, professores e voluntários. Esta capacitação é vista como essencial para garantir a qualidade e o rigor das intervenções.
- **Disseminação e Apoio:** Criar pontos focais locais ou estruturas de apoio que ajudem na implementação dos projetos, divulguem boas práticas e

sensibilizem as entidades com menos informação para os benefícios do Service Learning.

- **Descentralização e Acessibilidade:** Assegurar que as iniciativas são descentralizadas, garantindo uma cobertura geográfica ampla e equitativa em toda a região do Alentejo Central, permitindo que comunidades mais pequenas também possam participar.

10.8. O Papel da Fundação Eugénio de Almeida (FEA) como Entidade Coordenadora de um Plano Regional de Promoção do Voluntariado Inclusivo, por meio do Service-Learning e da Promoção do Voluntariado

As organizações atribuem um papel estratégico central à Fundação Eugénio de Almeida na implementação e sucesso de um plano regional. A FEA é vista como a entidade com o perfil ideal para assumir um conjunto de funções-chave, nomeadamente:

- Atuar como **entidade coordenadora**, que faz a ponte entre escolas, autarquias e organizações sociais para promover uma colaboração eficaz.
- Fornecer **apoio técnico, formação e mentoria**, capacitando as organizações e as escolas para desenvolverem projetos de Service Learning de elevada qualidade.
- Ser um **promotor e impulsionador** da iniciativa, liderando os esforços de comunicação, mobilização comunitária e sensibilização.
- Oferecer **apoio financeiro** e incentivos que estimulem a inovação social e a experimentação de novas abordagens no âmbito do Service Learning.

Estas recomendações constituem um itinerário claro para a ação, que permite agora delinear as conclusões finais deste relatório.

10.9. Conclusão

A presente análise revela um diagnóstico claro: existe um forte reconhecimento do valor do Service Learning entre as organizações do Terceiro Setor no Alentejo Central, mas esta visão não é homogénea. O Service-Learning é maioritariamente encarado como uma poderosa ferramenta de aprendizagem e inclusão, existindo uma vontade expressa de aprofundar a sua aplicação. Contudo, o seu pleno desenvolvimento está condicionado por desafios estruturais. A concretização do seu potencial exige a criação de um ecossistema regional que responda diretamente às barreiras identificadas: a necessidade de colmatar a lacuna de informação para organizações ainda não familiarizadas com a prática, de abordar o ceticismo pontual sobre o seu impacto e, crucialmente, de estabelecer mecanismos de validação de competências que sejam claros, formais e reconhecidos. As recomendações estratégicas apresentadas, que defendem um

plano regional articulado com a Fundação Eugénio de Almeida como entidade dinamizadora, constituem uma base sólida para a conceção de políticas eficazes. A sua implementação permitirá alavancar o Service Learning como um instrumento estratégico para fortalecer a educação, a cidadania ativa e a coesão social em toda **a região.**

11. Relatório Analítico: Perspetivas dos Voluntários sobre os Desafios e Oportunidades do Voluntariado com crianças e jovens, a partir das escolas

Este relatório sintetiza as respostas de um questionário dirigido a voluntários, com o objetivo de analisar as suas perceções sobre os benefícios, desafios e necessidades do desenvolvimento do voluntariado em contexto escolar. A análise procura extrair orientações de ação para gestores de programas de voluntariado, e entidades promotoras, com a intenção de otimizar a colaboração de voluntários, mentores, com as escolas e parceiros locais envolvidos na promoção de projetos de SL e voluntariado. Ao **dar voz à experiência direta dos voluntários**, este documento pretende identificar pontos críticos e oportunidades de melhoria para fortalecer o impacto do voluntariado, em particular do voluntariado educativo através do SL. O questionário foi aplicado aos voluntários inscritos no Banco de Voluntariado da Fundação Eugénio de Almeida, estrutura de mediação entre a oferta e a procura do voluntariado na região de Évora, com responsabilidades na capacitação e promoção do voluntariado no território.

11.1. Perfil dos Voluntários Inquiridos

Compreender quem são os voluntários que participaram neste inquérito é crucial para uma análise aprofundada. Conhecer o seu perfil demográfico, o seu percurso no voluntariado e o seu grau de envolvimento com o contexto educativo permite não só contextualizar as suas perceções, mas também adaptar futuras estratégias de recrutamento, formação e *engagement* de forma mais eficaz.

Os 55 respondentes apresentam um perfil diversificado, com uma representatividade significativa de voluntários mais experientes.

- **Faixa Etária:** A distribuição etária evidencia uma forte presença de voluntários seniores, com 39 de 55 inquiridos (71%) a terem mais de 40 anos.
 - 18–25 anos: 6 (11%)
 - 26–40 anos: 10 (18%)
 - 41–60 anos: 20(36%)
 - Mais de 60 anos: 19 (35%)
- **Género:** Verifica-se uma predominância do género feminino entre os inquiridos.
 - Feminino: 41 (75%)
 - Masculino: 13 (24%)
 - Outro: 1 (2%)

- **Localização Geográfica:** Embora a maioria dos voluntários resida no concelho de Évora, a presença de respondentes de outras localidades como Caldas da Rainha e Torres Novas (mas a estudar ou trabalhar em Évora), Borba, Arraiolos, Reguengos de Monsaraz e Alvito (concelho de Beja, limítrofe com região de Évora) ilustra uma diversidade geográfica relevante para a abrangência do projeto.

11.2. Experiência e Envolvimento no Voluntariado

A experiência dos voluntários é igualmente variada, abrangendo diferentes níveis de antiguidade e contextos de atuação. Exercem sobretudo funções de voluntariado de execução e apenas 8% (4 de 49 voluntários que responderam) exercem funções de direção ou coordenação.

- **Tempo de Voluntariado:** Dos 46 voluntários que especificaram o seu tempo de dedicação, o grupo é composto tanto por voluntários recém-chegados como por veteranos, com uma distribuição relativamente equilibrada.
 - Menos de 1 ano: 14 (30,4%)
 - 1 a 3 anos: 12 (26,1%)
 - 4 a 6 anos: 8 (17,4%)
 - Mais de 6 anos: 12 (26,1%)
- **Contexto Organizacional:** Uma parte significativa dos voluntários colabora com a Fundação Eugénio de Almeida (FEA), mas a diversidade de afiliações é notável, incluindo organizações como a Universidade Sénior de Évora, Santa Casa da Misericórdia, ReFood e o Banco Alimentar.
- **Envolvimento com Alunos:** Cerca de 39,6% dos inquiridos (21 de 53) afirmaram ter participado diretamente em atividades de voluntariado com crianças, jovens ou alunos, o que lhes confere uma perspetiva prática sobre a temática central deste relatório.

Um dado relevante é a divisão da experiência prévia com o público-alvo: aproximadamente metade dos inquiridos já participou em atividades com crianças ou jovens, trazendo um capital de experiência valioso, enquanto a outra metade representa um potencial que requer formação e enquadramento inicial. Este perfil, caracterizado pela maturidade e experiência, molda profundamente as suas perceções sobre o valor do seu trabalho e os desafios que enfrentam.

11.3. Valor e Benefícios Percebidos do Voluntariado com crianças e jovens a partir das escolas

Esta secção avalia a visão dos voluntários sobre o propósito fundamental e os benefícios concretos da sua colaboração com as escolas, confirmando o elevado

valor que atribuem a esta articulação, um fator crítico de sucesso da implementação de um plano no território, para alinhar objetivos estratégicos com resultados percebidos pelos seus participantes.

Os benefícios identificados pelos voluntários são consistentes e focam-se em duas áreas principais de impacto:

- **Desenvolvimento de Competências Cívicas e Sociais:** Os inquiridos citam recorrentemente o "Aumento do sentido de cidadania e responsabilidade social" e o "Desenvolvimento de competências pessoais e sociais" como os principais ganhos para os alunos e para a comunidade.
- **Fortalecimento da Ligação Escola-Comunidade:** É igualmente percebida como um benefício chave a "Maior ligação entre escola e comunidade", sugerindo que o voluntariado funciona como uma ponte que quebra os **muros da escola** e a integra de forma mais orgânica no seu território, conforme referido por (Tapia M. N., 2019).

Quando questionados sobre o principal objetivo do seu trabalho com os alunos, os voluntários destacam a missão de "transmitir valores", "ensinar competências de empatia", "formar jovens com elevado pensamento crítico" e promover a "responsabilidade comunitária". Esta visão sublinha um foco claro na formação integral dos jovens enquanto cidadãos ativos e conscientes. Este forte consenso sobre os benefícios e o propósito do voluntariado culmina numa perceção quase unânime de que esta prática deve ser formalmente integrada no percurso educativo dos alunos, com a esmagadora maioria (99%, 54 de 55 voluntários) a responder "Sim, totalmente" (75%, 41 de 55 voluntários) ou "Sim, parcialmente" (24%, 13 de 55 voluntários) a esta questão. Apesar destes benefícios amplamente reconhecidos, existem desafios significativos que dificultam a sua plena realização, os quais serão analisados na secção seguinte.

11.4. Análise dos Principais Desafios Operacionais e Estruturais

Os desafios reportados pelos voluntários não devem ser vistos como meros obstáculos, mas sim como um diagnóstico crítico, que apresenta pontos a melhorar nos programas de voluntariado. A sua identificação é o primeiro e mais importante passo para o desenvolvimento de soluções eficazes e para a melhoria contínua da colaboração entre escolas e entidades.

A análise das respostas revela quatro áreas de desafio dominantes:

- **Défice de Articulação e Comunicação 835%)**A "Falta de articulação entre escola e entidades" é o desafio mais frequentemente citado "Estabelecer canais de comunicação claros e regulares, com pontos de contacto acessíveis e agendas partilhadas". Esta lacuna manifesta-se na ausência de

canais de comunicação claros e regulares, dificultando o alinhamento de expectativas, a coordenação de atividades e a resolução de problemas de forma ágil, o que impacta diretamente a eficiência e a sustentabilidade dos projetos.

- **Reconhecimento do Valor Educativo** Os voluntários sentem uma "Dificuldade em reconhecer o valor educativo do voluntariado", tanto por parte de alguns atores escolares como, de forma específica, pela "Falta de reconhecimento por parte das famílias". Esta perceção de subvalorização pode limitar o apoio institucional, o envolvimento da comunidade educativa e a integração plena das atividades de voluntariado no projeto pedagógico da escola.
- **Falta de Suporte e Formação** A "Falta de acompanhamento e formação" é apontada como uma fragilidade significativa. A ausência de preparação adequada e de um acompanhamento contínuo pode comprometer a qualidade da intervenção dos voluntários, gerar insegurança e diminuir o potencial de impacto junto dos alunos.
- **Constrangimentos de Tempo e Disponibilidade** Um desafio de natureza logística, mas com grande impacto, é a "Falta de tempo e disponibilidade dos alunos". A sobrecarga dos horários escolares e das atividades extracurriculares dificulta a participação e o envolvimento consistente dos jovens nos projetos de voluntariado.

Estes desafios interligados apontam para uma necessidade explícita de melhores recursos, formação e estruturas de apoio, que constituem o foco da secção seguinte.

11.5. Necessidades de Apoio, Formação e Reconhecimento

A análise das necessidades dos voluntários transita o nosso foco do diagnóstico de problemas para a arquitetura de soluções. Dotar os voluntários de formação, apoio e reconhecimento não é uma despesa operacional, mas um investimento estratégico na eficácia e sustentabilidade do capital humano que anima estes programas. As respostas dos inquiridos indicam claramente as áreas onde este investimento é mais necessário.

Quando questionados sobre o tipo de apoio e recursos que consideram fundamentais, os voluntários destacam três necessidades principais:

- Formação específica para melhorarem as suas competências e se sentirem mais preparados para as tarefas.
- Apoio técnico e logístico por parte das entidades promotoras, para facilitar a execução das atividades.

- Orientação por parte das escolas para garantir que a sua ação está alinhada com as necessidades dos alunos e os objetivos pedagógicos.

Estas necessidades não são abstratas; respondem diretamente aos desafios operacionais identificados. A "Orientação por parte das escolas", por exemplo, é a solução direta para mitigar o "Défice de Articulação e Comunicação" que tanto frustra a eficácia dos projetos. A importância do reconhecimento formal das competências adquiridas é quase unânime, com a esmagadora maioria a responder "Sim" à questão. Este dado sublinha o desejo dos voluntários de verem a sua experiência valorizada. Em relação ao estado atual da formação, uma porção significativa dos inquiridos refere já ter recebido formação, frequentemente "organizada pela minha instituição", o que indica que já existem boas práticas a este nível, embora a necessidade de reforço seja evidente. O apoio ao voluntário individual está intrinsecamente ligado à necessidade mais ampla de criar um ecossistema de voluntariado mais inclusivo para todos.

11.6. Rumo a um Voluntariado Mais Acessível e Inclusivo

A inclusão e a acessibilidade são pilares de um programa de voluntariado robusto, dinâmico e verdadeiramente representativo da comunidade que serve. Garantir que todas as pessoas, independentemente das suas circunstâncias, têm a oportunidade de participar enriquece o programa e reforça os seus valores democráticos. Esta secção examina as perceções dos voluntários sobre as barreiras existentes à participação e as medidas que poderiam superá-las.

A perceção de desigualdade de acesso é notória. A grande maioria dos inquiridos considera que nem todas as pessoas têm as mesmas oportunidades de participar em ações de voluntariado, respondendo "Parcialmente" ou "Não" à questão. Esta visão crítica aponta para a existência de barreiras estruturais ou informais que limitam a participação de certos grupos.

Para combater estas barreiras, os voluntários propõem um conjunto de medidas pragmáticas que podem ser agrupadas em três eixos de ação:

- **Divulgação e Comunicação:** Sugestões como "Fazer mais difusão", "Mais divulgação das iniciativas" e "Maior informação dos projetos junto da comunidade" indicam a necessidade de estratégias de comunicação mais proativas e abrangentes.
- **Flexibilidade e Acessibilidade:** A necessidade de "Oferecer horários e tarefas flexíveis", melhorar a articulação com os "transportes públicos" e explorar o "Voluntariado Digital/Remoto" é apontada como crucial para acomodar as diferentes disponibilidades e capacidades dos potenciais voluntários.

- **Sensibilização e Educação:** Medidas como "Formação e Educação" e a realização de "Mais sessões de esclarecimento/motivacionais" são vistas como essenciais para desmistificar o voluntariado e encorajar novos participantes.

As soluções para estes desafios e a promoção da inclusão culminam, naturalmente, num conjunto de recomendações práticas para a ação, que serão detalhadas na secção final.

11.7. Recomendações Estratégicas para Melhorar a Cooperação

Esta secção final consolida a análise anterior, transformando os insights recolhidos em recomendações diretas e acionáveis. As sugestões, baseadas na experiência vivida dos voluntários, destinam-se a todos os stakeholders – escolas, entidades promotoras e gestores de programas – e visam criar um ecossistema de colaboração mais eficaz e gratificante.

- **Fortalecer a Articulação Interinstitucional:** Recomenda-se a criação de mecanismos formais de cooperação, como a "Criação de uma rede nacional entre todos" ou, a nível local, o estabelecimento de "canais de comunicação claros e regulares, com pontos de contacto acessíveis e agendas partilhadas". A promoção de "encontros regulares informais" e "formação conjunta" é igualmente crucial para alinhar expectativas e valores entre voluntários e profissionais.
- **Estruturar o Apoio e a Formação Contínua:** É imperativo que as entidades assegurem que "os voluntários sejam formados e acompanhados" de forma sistemática. Adicionalmente, as escolas devem assumir a responsabilidade de fornecer "orientação" e "materiais de apoio pedagógico" relevantes, integrando a ação voluntária de forma coerente no contexto curricular.
- **Direcionar a Ação Voluntária com Base em Diagnósticos de Necessidades:** Recomenda-se que as "escolas identifiquem as necessidades reais dos alunos e da comunidade educativa" através de processos de diagnóstico formais. Esta abordagem garante que a contribuição dos voluntários seja cirúrgica e de máximo impacto, evitando a dispersão de esforços.
- **Otimizar Processos e Reduzir Barreiras Burocráticas:** Urge garantir maior "Celeridade" e clareza nos "processos burocráticos" associados ao estabelecimento de parcerias, removendo obstáculos administrativos que desencorajam a colaboração entre entidades e escolas.
- **Integrar o Voluntariado como Ferramenta Pedagógica Estratégica:** As escolas são desafiadas a tornarem-se "mais interventivas na sociedade" ao

integrar ativamente projetos de voluntariado, tratando-os não como um extracurricular, mas como uma ferramenta pedagógica essencial que proporciona "aprendizagem na vida real, fora do ambiente escolar", valorizando assim intrinsecamente a contribuição dos voluntários.

A implementação destas recomendações é vital para maximizar o impacto do voluntariado e transformar a colaboração pontual numa parceria estratégica e duradoura.

11.8. Conclusão

Este relatório evidencia um forte consenso entre os voluntários sobre os benefícios cívicos, sociais e pessoais do voluntariado educacional. A sua ação é vista como um poderoso veículo para o desenvolvimento de competências, o fortalecimento dos laços comunitários e a formação de jovens cidadãos mais responsáveis e empáticos. Contudo, o potencial desta colaboração é frequentemente limitado por desafios sistémicos, nomeadamente a falta de articulação entre instituições, um reconhecimento insuficiente do seu valor pedagógico e constrangimentos logísticos. A resposta a estes desafios passa, inequivocamente, por um maior investimento em formação, apoio estruturado e canais de comunicação eficazes. As perspetivas dos voluntários aqui reunidas oferecem um roteiro claro e pragmático para transformar o voluntariado educacional numa colaboração mais estratégica, eficaz e profundamente enriquecedora para todos os envolvidos: alunos, escolas, voluntários e a comunidade no seu todo.

12. Resultados dos Focus Group realizados

12.1. Metodologia

A auscultação da perceção local é um pré-requisito para o desenho de uma estratégia com ressonância e eficácia territorial. A análise dos grupos focais revelou uma dissonância significativa entre a terminologia formal da metodologia e as práticas de voluntariado já consolidadas no Alentejo Central, o que constitui um ponto de partida crucial para qualquer intervenção futura.

A metodologia de recolha de dados que informa este diagnóstico assentou na realização de consultas diretas aos principais atores do ecossistema educativo e social do território. A análise qualitativa baseia-se nos contributos recolhidos em **quatro grupos focais (focus group)** online, realizados entre setembro e outubro de 2025, com os seguintes *stakeholders*:

- Associações de Pais
- Organizações Sociais
- Associações de Jovens
- Municípios e Bancos Locais de Voluntariado (BLV)

A análise que se segue explora as perceções, práticas, desafios e oportunidades identificados por estes grupos, e oferece uma visão da paisagem atual do Voluntariado e do Service-Learning no Alentejo Central.

Emerge como conclusão central um paradoxo diagnóstico: o desconhecimento generalizado da terminologia *Service Learning* por parte da maioria dos participantes, nomeadamente das Associações de Pais e das Organizações Sociais, que coexiste com uma prática rica e não formalizada dos seus princípios. Muitos *stakeholders* reconheceram que já desenvolvem, ou participam em projetos com características intrinsecamente alinhadas com os princípios do Service-Learning, contudo ainda não os designam, como tal.

Esta realidade é particularmente evidente nas atividades desenvolvidas por organizações da economia social, que, pela sua natureza, como as Misericórdias, que promovem a ligação entre diferentes gerações e respondem a necessidades comunitárias concretas.

Exemplos de Projetos Equiparáveis a níveis intermédios ou consolidados de Service-Learning:

- **Santa Casa da Misericórdia de Mora:** Desenvolve projetos como "Doar tempo", "Tempo de ajudar", "Ajudar com empatia" e "Adotar um idoso", que envolvem voluntariado intergeracional e de proximidade, criando laços entre jovens e a população sénior.
- **Erasmus Student Network (ESN) Évora:** Promove iniciativas como o "Karaoke solidário" para recolha de bens alimentares, voluntariado no canil municipal de Évora e apoio a famílias carenciadas através da pintura de habitações, envolvendo estudantes internacionais em ações de impacto local.

Esta base de práticas existentes, embora não formalmente catalogadas, representa um capital valioso. Para desconstruir esta realidade, analisamos de seguida as perspetivas de cada grupo de *stakeholders*, revelando como os desafios e oportunidades se manifestam de forma distinta em cada grupo, de uma potencial rede.

12.2. Análise por Stakeholder: Perspetivas, Desafios e Oportunidades

Esta secção aprofunda a análise, destilando as perspetivas, os desafios e as recomendações específicas de cada um dos quatro grupos de *stakeholders* consultados. Esta abordagem multifacetada permite construir uma visão detalhada e segmentada das diferentes realidades que compõem o ecossistema do voluntariado e da educação comunitária no Alentejo Central.

12.2.1. Contributos pelos Municípios e Bancos Locais de Voluntariado (BLV)

Os municípios são na sua maioria, as entidades, preferenciais, para o enquadramento de Bancos Locais de Voluntariado (BLV), e por isso são identificados como a infraestrutura essencial para a coordenação territorial do voluntariado, atuando como uma "ponte" entre cidadãos, escolas e organizações sociais. Em todo o Alentejo Central, existem apenas 3 Bancos Locais de Voluntariado, conforme diagnosticado, através da construção e atualização de base de dados sobre o Voluntariado.

Dois dos Bancos Locais existentes, no território, pertencem aos municípios de Vendas-Novas e de Viana do Alentejo, o Banco Local de Voluntariado para o Concelho de Évora, pertence à Fundação Eugénio de Almeida.

A perspetiva dos técnicos municipais, é crucial para compreender os entraves e as alavancas à escala local.

Desafios

- Baixo número de voluntários ativos no terreno.
- Falta de tempo e de motivação de jovens e famílias.
- Limitações de recursos humanos e técnicos nos BLV.
- Desafios na articulação com as escolas para integrar o voluntariado.

Incentivos para a Mudança

- Articulação de projetos intergeracionais e inclusivos.
- Criação de protocolos de cooperação com entidades locais.
- Promoção de voluntariado em áreas como ambiente, apoio social e cultura.

12.2.2. Propostas para a ação - Municípios e Bancos Locais de Voluntariado (BLV)

1. **Formação Específica:** Capacitar técnicos municipais e responsáveis de BLV em metodologias de Service – Learning e na implementação de estratégias de voluntariado inclusivo.
2. **Divulgação:** Aumentar a visibilidade dos BLV e das suas ofertas, especialmente junto do público jovem e da comunidade escolar.
3. **Ferramentas Digitais:** Criar uma plataforma online regional para facilitar a gestão de oportunidades, a inscrição de voluntários e a partilha de informações.
4. **Valorização:** Incentivar o reconhecimento formal das competências adquiridas pelos voluntários, através de certificados e outros mecanismos com validade escolar e profissional.

12.2.3. Contributo pelas Associações de Pais

As Associações de Pais oferecem uma perspetiva pedagógica e cívica, encarando o Service Learning como uma ferramenta transformadora para reforçar a ligação escola-comunidade e desenvolver competências essenciais como a cidadania ativa e o sentido de responsabilidade.

Desafios

- Falta de tempo dos alunos devido à carga letiva.
- Sobrecarga curricular, especialmente acentuada em anos de exame.
- Necessidade de maior formação e dinamismo por parte dos professores.

Incentivos para a Mudança

- Introduzir a metodologia desde o 1º ciclo do ensino básico.
- Integrar as atividades nas disciplinas existentes, em vez de as adicionar como um extra.
- Usar o "Aprender com a Comunidade" para criar formas de avaliação inovadoras, focadas em competências transversais.

Foi sublinhada a importância do envolvimento ativo e colaborativo dos pais e da direção da escola na definição e implementação de metodologias que agreguem valor educativo e social, garantindo que estas iniciativas não sejam dependentes apenas do dinamismo de professores individuais.

12.2.4. Contributos das Organizações Sociais

As Organizações Sociais, com a sua vasta experiência prática, fornecem uma visão pragmática e orientada para a ação. Embora não familiarizadas com a terminologia *Service Learning*, as suas atividades alinham-se com os seus princípios, revelando os desafios operacionais e as necessidades mais prementes no terreno.

Os principais desafios enfrentados por estas organizações incluem:

- A necessidade de recuperar o dinamismo das atividades de voluntariado, que decresceram significativamente durante a pandemia de COVID-19.
- A escassez de jovens e crianças em algumas localidades do interior, o que dificulta a implementação de projetos intergeracionais, como referido pela Santa Casa da Misericórdia de Azaruja.
- A existência de um "fosso entre gerações", que se manifesta no afastamento entre jovens e idosos e que precisa de ser ativamente combatido, uma preocupação que ecoa a oportunidade de projetos intergeracionais.

- A necessidade de um maior envolvimento e da criação de laços mais fortes e estruturados entre as entidades locais e as escolas.

12.2.5. Propostas para a ação pelas Organizações Sociais

1. **Criação de Parcerias:** Fomentar ativamente parcerias estratégicas entre as organizações sociais e as escolas para o desenvolvimento conjunto de projetos de voluntariado inclusivo.
2. **Plataforma de Partilha:** Desenvolver uma plataforma digital ou um guia de boas práticas para partilhar experiências de sucesso, permitindo a sua replicação noutras comunidades.
3. **Capacitação de Jovens:** Capacitar os jovens voluntários para desenvolverem atividades com diferentes faixas etárias, nomeadamente com idosos, de modo a desmistificar estereótipos e a promover a empatia.

12.2.6. Contributos para a Ação Associações de Jovens

As Associações de Jovens introduzem uma dimensão de urgência ética no debate, posicionando o "**Voluntariado Inclusivo**" não como uma opção, mas como um requisito fundamental para a legitimidade de qualquer iniciativa futura. A sua perspetiva foca-se no potencial do Service Learning para reforçar competências de cidadania, ética e profissionalismo.

Para este grupo, o "**Voluntariado Inclusivo**" é definido como uma prática aberta a todas as pessoas, sem qualquer tipo de discriminação baseada em religião, crença, orientação sexual, ou condição física ou mental.

Os desafios e necessidades urgentes identificados por este grupo são:

- A dificuldade em integrar as atividades de voluntariado nos currículos escolares, que são frequentemente percebidos como demasiado rígidos.
- As questões éticas e de imparcialidade que surgem na organização de eventos relacionados com temas sensíveis (religião, género, etc.).
- A necessidade urgente de sensibilizar a comunidade escolar e a sociedade em geral para a não discriminação e o respeito pela diversidade.

12.2.7. Propostas para a Associações de Jovens

A principal recomendação apresentada por este grupo foca-se na educação como motor de mudança:

- Sugestão de incluir formação obrigatória em voluntariado inclusivo nos currículos escolares para todos os jovens.
- A importância da colaboração entre associações e entidades locais foi também destacada como um fator essencial para amplificar o impacto e a criatividade das atividades, sendo citado o projeto "Paleta Literária" — uma atividade de pintura em grupo baseada na leitura de livros — como um exemplo de boa prática.

12.3. Análise Transversal: Desafios Sistémicos e Oportunidades Estratégicas

A análise comparativa dos contributos dos quatro grupos focais permite identificar um conjunto de temas recorrentes. Esta secção sintetiza os desafios e as oportunidades partilhados, formando uma visão coesa do ecossistema de voluntariado e "Aprender com a Comunidade" no Alentejo Central que deve orientar a definição de uma estratégia regional.

12.3.1. Principais Desafios Sistémicos:

1. **Barreira Curricular:** A rigidez dos currículos escolares foi consistentemente apontada como o principal obstáculo à integração eficaz e orgânica de atividades de voluntariado e de "Aprender com a Comunidade".
2. **Défice de Recursos e Tempo:** A falta de tempo de alunos, famílias e professores, conjugada com recursos humanos e técnicos limitados nos municípios e organizações, dificulta a dinamização e a sustentabilidade de projetos regulares.
3. **Fragmentação da Coordenação:** A fragmentação da coordenação entre escolas, municípios e organizações sociais emerge como o principal entrave sistémico. Esta lacuna não se deve à falta de vontade, mas à ausência de mecanismos e ferramentas partilhadas, resultando num ecossistema reativo em vez de proativo.
4. **Necessidade de Formação:** Todos os grupos, sem exceção, identificaram a necessidade de capacitação. Esta abrange desde as metodologias de Service Learning, para professores até, de forma crucial, à formação em voluntariado inclusivo e combate à discriminação para jovens e técnicos.

12.4. Oportunidades Estratégicas Comuns:

1. **Potencial Intergeracional e Inclusivo:** Existe um forte consenso sobre o enorme valor social da criação de projetos que conectem jovens e idosos e que sejam, por definição, abertos e acessíveis a todas as pessoas.
2. **Valorização de Competências:** A formalização e o reconhecimento das competências transversais (*soft skills*) adquiridas através do voluntariado são vistos como um poderoso incentivo para a participação, com valor acrescentado no percurso académico e profissional dos jovens.
3. **Digitalização e Partilha:** A criação de ferramentas digitais, como plataformas online e guias de boas práticas, é uma recomendação transversal para superar a fragmentação da coordenação, facilitar a gestão, a divulgação e a replicação de projetos de sucesso.
4. **Capitalização do Existente:** Aproveitar a riqueza de projetos de voluntariado já em curso — mesmo que não sejam formalmente rotulados como "Aprender com a Comunidade" — constitui uma base sólida e autêntica para construir e escalar uma estratégia regional.

As recomendações seguintes foram desenhadas como uma resposta estratégica a estes desafios e oportunidades, visando a construção de um plano de ação coeso e impactante.

5. Recomendações Estratégicas para o Futuro Plano Regional

Esta secção final tem como propósito traduzir os dados do diagnóstico em recomendações concretas e acionáveis. As propostas que se seguem destinam-se a informar diretamente o desenvolvimento do Plano Regional de Voluntariado Inclusivo e *Service Learning* do Alentejo Central, estruturando a ação em quatro eixos estratégicos.

Eixo 1: Estruturação, Coordenação e Criação de Redes

- Desenvolver uma **plataforma digital regional** como infraestrutura central para agregar oportunidades de voluntariado, facilitar a inscrição de voluntários e a partilha de recursos, combatendo a fragmentação identificada.
- Formalizar **protocolos de cooperação** entre os Bancos Locais de Voluntariado, entres estes este e as escolas, e as organizações sociais para criar um ecossistema de apoio mútuo e partilha de responsabilidades.
- Fortalecer o papel dos **municípios ou de entidades, com capacidade de sustentabilidade, como coordenadores centrais** que assumam um papel de mediação, da rede de voluntariado, dotando os BLV de mais recursos técnicos e humanos para dinamizar o território de forma proativa.

Eixo 2: Capacitação e Formação Contínua

- Instituir um **programa de formação certificado** para professores como pilar para a sustentabilidade da metodologia, garantindo que a sua aplicação transcende o voluntarismo individual e se integra na cultura pedagógica das escolas.
- Implementar **formação obrigatória em voluntariado inclusivo** para jovens no contexto escolar, respondendo à necessidade ética urgente de abordar temas como não discriminação, diversidade e respeito.
- Oferecer **workshops de capacitação** para técnicos municipais e líderes de organizações sociais sobre gestão de voluntários, desenvolvimento de projetos intergeracionais e medição de impacto.

Eixo 3: Integração Curricular e Valorização

- Desenvolver um **guião de boas práticas** com exemplos concretos de como integrar projetos de Service Learning, em diferentes disciplinas curriculares, desde o 1º ciclo do ensino básico.
- **Mapear e certificar as práticas existentes** equiparáveis a "Service Learning" (e.g., as da Santa Casa da Misericórdia de Mora), transformando-

as em estudos de caso e modelos para o novo guião de boas práticas, para a capitalização do conhecimento local e validação do trabalho já desenvolvido.

- Estabelecer um **sistema regional de reconhecimento de competências** (*soft skills*) adquiridas em atividades de voluntariado, com a emissão de certificados que tenham valor reconhecido em contexto escolar e profissional.
- Incentivar a criação de **modelos de avaliação inovadores** nas escolas que valorizem a participação em projetos comunitários como parte integrante e relevante da avaliação dos alunos.

Eixo 4: Comunicação e Sensibilização

- Lançar uma **campanha de comunicação regional** para divulgar o conceito de "Aprender com a Comunidade" e os benefícios do voluntariado junto de famílias, jovens e do tecido empresarial local.
- Promover a **disseminação de projetos de sucesso** através de estudos de caso, vídeos e eventos de partilha, para inspirar a replicação de boas práticas em todo o território.
- Envolver ativamente as **Associações de Pais e de Jovens** como embaixadores da iniciativa, reconhecendo e capacitando o seu papel crucial na mobilização e sensibilização da comunidade.

6. Conclusão

Este diagnóstico revela um quadro claro: apesar dos desafios estruturais, como a rigidez curricular e a escassez de recursos, existe no Alentejo Central um terreno fértil e um forte consenso entre os principais *stakeholders* sobre o imenso potencial do "Aprender com a Comunidade" e do Voluntariado Inclusivo. A vontade de agir, a experiência prática já existente e o reconhecimento partilhado do valor destas metodologias constituem o alicerce mais importante para o futuro.

A implementação de um Plano Regional coeso, bem-estruturado e que responda diretamente às necessidades e oportunidades aqui identificadas é, por isso, um passo urgente e fundamental. Só assim será possível transformar este potencial latente em impacto social real, fortalecendo os laços entre escolas, famílias e a comunidade e, em última análise, capacitando uma nova geração de cidadãos mais ativos, conscientes e solidários.

Bibliografia

(s.d.).

(DGE), D.-G. d. (29 de Agosto de 2025). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania. Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Lisboa: Ministerio da Educação.

Caetano, N., & Felgueiras, M. (Outubro de 2019). Service-learning in higher education: Developing sustainable human development competencies. *Sustainability*, 9(11),. TEEM 2019, October 2019, León, Spain. TEEM 2019, October 2019, León, Spain.

COCEMFE. (Junho de 2024). *Guía de prácticas inclusivas inspiradoras*. Confederação Espanhola de Pessoas com Discapacidade Física e Orgânica (COCEMFE).

Furco, A. (1996). *Service-learning: A balanced approach to experiential education*. Corporation for National Service. University of Nebraska at Omaha.

IEVE. (2001). *Declaração Universal do Voluntariado*.
<https://www.iave.org/iavewp/wp-content/uploads/2015/10/universal-delcaration-on-volunteering.pdf>.

Janet Eyler and Dwight Giles. (1999). *Where's the Learning in Service-Learning? pp. 142-143*. Jr. San Francisco: Jossey-Bass: Michigan Journal of Community Service Learning Book Review.

Kolb, A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. . Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Koslowsky, J., Lorenzen, F., Anjos, S., Silva, J. M., & Matraka, A. (Maio de 2023). *Understanding Service Learning: An introduction into the field of Service-Learning based on the experiences of the USL project*. Atenas, Atenas, Grecia.

Martins, F., Jorge Cardoso, Fernandes, S., & Machado, S. (Agosto de 2022). *Dentro e fora da caixa: ONG e escolas juntas na educação para a cidadania – caminhos e inspirações*. Lisboa: Fundação Gonçalo da Silveira. Disponível em: <https://fgs.org.pt/wp-content/uploads/2024/09/DentroForaCaixa-net-2.pdf>.

May, Z., & Tapia, M. N. (2024). *La solidaridad como futuro de la educacion. Perspectivas desde la experiencia iberoameiricana del aprendizaje-servicio*. París, Francia; Montevideo, Uruguay; Buenos Aires, Argentina.: UNESCO (Oficina Regional de Ciencias para América Latina y el Caribe) e CLAYSS.

- NYLC, N. Y. (2008). K–12 service-learning standards for quality practice. NYLC.
- OECD. (2015). *Skills Strategy Diagnostic Report: Portugal 2015, OECD Skills Studies*. Paris: OECD Publishing , <https://doi.org/10.1787/9789264300279-en>.
- Portuguesa, R. (1 de Junho de 2023). Relatório Voluntário Nacional.
- República Portuguesa, D. n. (2017). Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.
- República, D. d. (30 de Setembro de 1999). Decreto-Lei n.º 389/99. Diário da República, I Série-A, n.º 228, 6679-6820. Recuperado de <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/389-1999-667920>.
- República, D. d. (6 de Julho de 2018). Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962>.
- Sigmon, R. (1997). Linking Service with Learning in Liberal Arts Educatio. Council of Indeopendent Colleges, Washington, DC.
- Tapia, M. N. (2019). *Guia para desenvolvimento de projetos de aprendizagem-serviço solidário (Edição Brasileira)*. Buenos Aires:: CLAYSS. Obtido de Disponível em https://www.clayss.org/wp-content/uploads/2023/07/PTG_BRASIL_guia_para_desarrollar_proyectos_AYSS.pdf
- Tapia, M. N. (2022). Guía para desarrollar proyectos de aprendizaje-servicio solidario: Edición 20º aniversario CLAYSS,(1.ª ed.). CLAYSS, https://www.clayss.org/wp-content/uploads/2023/08/ESP_20aniosCLAYSS_guia_para_desarrollar_proyectos_AYSS.pdf.
- Unidas, Organização das Nações. (2015). *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: ONU. Disponível em <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>.

Referências

(s.d.).

(DGE), D.-G. d. (29 de Agosto de 2025). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania. Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Lisboa: Ministerio da Educação.

Caetano, N., & Felgueiras, M. (Outubro de 2019). Service-learning in higher education: Developing sustainable human development competencies. *Sustainability*, 9(11),. TEEM 2019, October 2019, León, Spain. TEEM 2019, October 2019, León, Spain.

COCEMFE. (Junho de 2024). *Guía de prácticas inclusivas inspiradoras*. Confederação Espanhola de Pessoas com Discapacidade Física e Orgânica (COCEMFE).

Furco, A. (1996). *Service-learning: A balanced approach to experiential education*. Corporation for National Service. University of Nebraska at Omaha.

IEVE. (2001). *Declaração Universal do Voluntariado*.
<https://www.iave.org/iavewp/wp-content/uploads/2015/10/universal-delcaration-on-volunteering.pdf>.

Janet Eyler and Dwight Giles. (1999). *Where's the Learning in Service-Learning? pp. 142-143*. Jr. San Francisco: Jossey-Bass: Michigan Journal of Community Service Learning Book Review.

Kolb, A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. . Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Koslowsky, J., Lorenzen, F., Anjos, S., Silva, J. M., & Matraka, A. (Maio de 2023). *Understanding Service Learning: An introduction into the field of Service-Learning based on the experiences of the USL project*. Atenas, Atenas, Grecia.

Martins, F., Jorge Cardoso, Fernandes, S., & Machado, S. (Agosto de 2022). *Dentro e fora da caixa: ONG e escolas juntas na educação para a cidadania – caminhos e inspirações*. Lisboa: Fundação Gonçalo da Silveira. Disponível em: <https://fgs.org.pt/wp-content/uploads/2024/09/DentroForaCaixa-net-2.pdf>.

May, Z., & Tapia, M. N. (2024). *La solidaridad como futuro de la educacion. Perspectivas desde la experiencia iberoameiricana del aprendizaje-servicio*. París, Francia; Montevideo, Uruguay; Buenos Aires, Argentina.: UNESCO (Oficina Regional de Ciencias para América Latina y el Caribe) e CLAYSS.

- NYLC, N. Y. (2008). K–12 service-learning standards for quality practice. NYLC.
- OECD. (2015). *Skills Strategy Diagnostic Report: Portugal 2015, OECD Skills Studies*. Paris: OECD Publishing , <https://doi.org/10.1787/9789264300279-en>.
- Portuguesa, R. (1 de Junho de 2023). Relatório Voluntário Nacional.
- República Portuguesa, D. n. (2017). Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.
- República, D. d. (30 de Setembro de 1999). Decreto-Lei n.º 389/99. Diário da República, I Série-A, n.º 228, 6679-6820. Recuperado de <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/389-1999-667920>.
- República, D. d. (6 de Julho de 2018). Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962>.
- Sigmon, R. (1997). Linking Service with Learning in Liberal Arts Educatio. Council of Indeopendent Colleges, Washington, DC.
- Tapia, M. N. (2019). *Guia para desenvolvimento de projetos de aprendizagem-serviço solidário (Edição Brasileira)*. Buenos Aires:: CLAYSS. Obtido de Disponível em https://www.clayss.org/wp-content/uploads/2023/07/PTG_BRASIL_guia_para_desarrollar_proyectos_AYSS.pdf
- Tapia, M. N. (2022). Guía para desarrollar proyectos de aprendizaje-servicio solidario: Edición 20º aniversario CLAYSS,(1.ª ed.). CLAYSS, https://www.clayss.org/wp-content/uploads/2023/08/ESP_20aniosCLAYSS_guia_para_desarrollar_proyectos_AYSS.pdf.
- Unidas, Organização das Nações. (2015). *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: ONU. Disponível em <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>.

